



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO-UFMA
CAMPUS VII- CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS
HUMANAS COM HABILITAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANE FRAZÃO OLANDA

A ALMA ENQUANTO FUNDAMENTO ÉTICO NA OBRA FÉDON
DE PLATÃO

CODÓ/MA
2018

MARIANE FRAZÃO OLANDA

**A ALMA ENQUANTO FUNDAMENTO ÉTICO NA OBRA
FÉDON DE PLATÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História da Universidade Federal do Maranhão-Campus VII Codó, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Humanas-História.

Orientador: Prof. Dr. Domingos Ribeiro Mendes Junior

CODÓ/MA

2018

Olanda, Mariane Frazão.

A Alma Enquanto Fundamento Ético na Obra Fédon de Platão / Mariane Frazão Olanda. - 2018.

50 f.

Orientador(a): Domingos Ribeiro Mendes Junior.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Universidade Federal do Maranhão -UFMA, 2018.

1. Ética. 2. Fédon. 3. Imortalidade da Alma. I. Mendes Junior, Domingos Ribeiro. II. Título.

MARIANE FRAZÃO OLANDA

**A ALMA ENQUANTO FUNDAMENTO ÉTICO NA OBRA FÉDON DE
PLATÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História, da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas- História.

Aprovado em: _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Domingos Ribeiro Mendes Junior

Profa. Dra. Tatiane da Silva Sales

Prof. Dr. Francisco Waldilio da Silva Sousa

AGRADECIMENTOS

A princípio quero agradecer a Deus, pelo dom da vida, pois, sem sua proteção, força e bênçãos a realização deste trabalho não seria possível.

Agradeço à minha mãe Maria Antônia Frazão Olanda e ao meu pai Antônio José Olanda, por tornarem possível minha existência e por serem sempre meus melhores amigos. Sempre acreditando no meu potencial. Obrigada mesmo por tudo.

Agradeço à minha irmã Rayane Frazão Olanda, a quem estou ligada pelo amor e pelo sangue, e que sempre me motivou de forma muito especial.

Agradeço imensamente ao meu orientador Domingos Mendes, que contribuiu de forma significativa nesta pesquisa. Sou grata pelo seu apoio, sem suas contribuições, que tanto me guiaram no desenvolvimento deste trabalho não teria concluído essa etapa de minha vida acadêmica. Além de orientador sempre foi um amigo.

Agradeço ao meu avô Luís P. Oliveira, (*in memoriam*) por ter sido minha fonte de inspiração e por sempre ter me apoiado e incentivado nos meus estudos.

Agradeço de forma muito especial ao meu querido amigo Itanielson Sampaio Coqueiro, pois iniciamos este trabalho juntos, me propondo este desafio, sou imensamente grata por ele ter me inspirado e despertado em mim o amor e a dedicação pelas leituras platônicas. Devo muito a você querido mestre, batalhamos juntos, tudo que aprendi em filosofia sou a grata a você, sempre me apoiando, aconselhando, fazendo as correções do presente trabalho e principalmente ajudando no meu crescimento profissional e pessoal. Obrigada Itan!

Agradeço a Universidade Federal do Maranhão (UFMA), todo o corpo docente, direção, administração, zeladores, vigilantes, todos que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, e por terem me proporcionado a contribuir como bolsista permanente, onde aprendi muito com vocês.

Enfim, agradeço aos professores por aceitarem participar da banca do meu TCC. Eterna gratidão a todos vocês.

RESUMO

O Fédon, diálogo platônico no qual Sócrates, ao deparar-se diante do fim da vida terrena, demonstra firmeza e segurança ao aspirar à morte como sendo a libertação da alma, este trabalho monográfico tem o objetivo de analisar e refletir acerca da implicação da imortalidade da alma enquanto princípio e fundamento ético na obra Fédon. Esta obra é narrada pelo filósofo grego Platão que descreve o último dia de vida de seu mestre Sócrates, no qual travou um intenso diálogo entre Sócrates e os pitagóricos Símiias e Cebes, para convencê-los que a morte não é o fim de tudo, como a tradição de Homero apregoava. Sendo assim, o ápice da proposta socrática apresentada no Fédon é mostrar a verdade com a alma e os pensamentos totalmente purificados para então poder reconhecer as virtudes e as ideias tal como elas são. Esta experiência é um processo que antecipa de forma metafórica a morte. Esta proposta prepara o filósofo para desfrutar de forma ética a sabedoria absoluta. Platão utiliza-se de uma narrativa dramática para enfatizar a importância dos cuidados com a alma humana, e para isso a doutrina Órfica foi um importante pilar para fundamentar a imortalidade da alma proposta pelo filósofo. O cerne desta pesquisa é análise da alma enquanto fundamento ético na obra Fédon especificamente.

Palavras-chave: Fédon. Imortalidade da alma. Ética.

ABSTRACT

The Phaedo, a Platonic dialogue in which Socrates, when confronted with the end of earthly life, shows firmness and security when aspiring to death as the liberation of the soul, this monographic work aims to analyze and reflect on the implication of immortality of the soul as a principle and ethical foundation in the Phaedo. This work is narrated by the Greek philosopher Plato who describes the last day of life of his master Socrates, in which he engaged in an intense dialogue between Socrates and the Pythagoreans, Simians and Cebes, to convince them that death isn't the end of everything, as the tradition of Homer preached. Thus, the summit of the Socratic proposal presented in the Phaedo is to show the truth with the soul and the thoughts totally purified so that to be able to recognize the virtues and the ideas as they are. This experience is a process that metaphorically anticipates death. This proposal prepares the philosopher to ethically enjoy the absolute wisdom. Plato uses a dramatic narrative to emphasize the importance of caring for the human soul, and for this the Orphic doctrine was an important pillar to substantiate the immortality of the soul proposed by the philosopher. The core of this research is soul analysis as an ethical foundation in the Phaedo specifically.

Keywords: Phaedo. Immortality of the soul. Ethics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HOMERO COMO UMA INTRODUÇÃO Á CULTURA GREGA	11
2.1. A religião Grega Antiga.....	13
3 PENSAMENTO FILOSÓFICO DE PLATÃO	16
3.1. A epistemologia de Platão.....	18
3.2. A Filosofia Política de Platão.....	20
3.3. A Paideia platônica.....	22
3.4. Relação da alma com as aptidões.....	23
3.5. Ideia do Bem.....	24
3.6. A finalidade da Paidéia platônica.....	25
4 FÉDON E AS IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA IMORTALIDADE DA ALMA	26
4.1. A Ética Platônica.....	26
4.2. O Filósofo diante da morte.....	29
4.3. Sobre a ética.....	34
4.4. As Implicações Éticas.....	34
4.5. Sobre o conceito de virtude em Platão.....	36
4.6. A Alma e a virtude.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40
APÊNDICE	42
APÊNDICE A- SOBRE A ALMA IMORTAL E O CONHECER	42

1 INTRODUÇÃO

Esta temática apresentada insere-se no campo da filosofia ética, utilizando-se da Metafísica, para fazer uma breve análise da alma humana como princípio da ética e também da moral através do olhar de Platão. É louvável destacar que a obra Fédon, que foi o diálogo escolhido para o melhor desenvolvimento desta pesquisa, sendo que a mesma caracteriza-se como a obra de maior maturidade filosófica de Platão. Em vista disso há outros diálogos platônicos como: Mênon, Fedro e A República, que tratam sobre a temática alma, no entanto, a obra Fédon pode-se considerar sendo um diálogo no qual Platão desenvolve argumentos que comprovam a imortalidade da alma. Só para título de informação que esta pesquisa não se fará um aprofundamento sobre as obras platônicas mencionadas, serão utilizadas somente para embasar alguns argumentos.

Nossa pesquisa estará centrada na obra Fédon de Platão, diálogo platônico em que Sócrates, o personagem no qual Platão se inspirou, ao deparar-se diante do fim da vida terrena, demonstra firmeza e segurança ao aspirar à morte como sendo a libertação da alma, onde o corpo é o principal empecilho, devido aos desejos e a ausência das virtudes, onde o filósofo Platão devidamente influenciado pela religião órfica deixa claro na obra a valorização da alma como fonte de toda a sabedoria e pureza e o corpo sendo o princípio da impureza e da valorização dos prazeres carnavais.

Este tema é de extrema relevância por nos permitir compreender o valor da alma e a questão da imortalidade da mesma, e de como, enquanto princípio que fundamenta as escolhas do agir humano influencia tanto as reflexões sobre a moral, quanto esta última propriamente dita. Portanto, esta não é uma temática qualquer, pois a mesma proporciona uma visão além do mundo material onde o filósofo nos proporcionará um olhar através de sua investigação e dos seus argumentos que motivam, orientam ou disciplinam o comportamento humano.

A pergunta que esta pesquisa visa responder é: Quais as implicações éticas da categoria alma na obra Fédon de Platão? Assim, esta pesquisa tem como principal finalidade, através do método da análise e da reflexão, identificar a alma enquanto princípio, fundamento ou apenas postulado da moralidade no pensamento platônico na obra citada.

Para compreendermos sobre o princípio que levou o filósofo a interessar-se sobre o tema, onde percebemos nos escritos de Platão, cuja filosofia demonstra a relevância dada à existência de uma alma imortal. Subtende-se por meio do período de abrangência dentre os pré-socráticos, será mencionada a importância da escola dos pitagóricos, que teve como principal precursor Pitágoras, que, juntamente com o Orfismo, tendo como fundador o poeta mítico

Trácio Orfeu, que de uma certa forma exerceram uma forte influência sobre o pensamento metafísico de Platão e, a partir dele, exercendo também influência no pensamento da sociedade cristã primitiva.

Entendemos que em diferentes épocas, assim como no mundo grego que influenciou o mundo Ocidental, a questão ética até nos dias atuais vem sendo motivo de discursões, principalmente no que diz respeito à conduta do ser humano, perante a sociedade, e nesta obra veremos em que o filósofo se fundamenta para argumentar os seus discursos acerca da alma como sendo fundamento ético para fincar o seu pensamento. Para melhor desenvolver desta pesquisa iremos ressaltar ainda que o principal objetivo é de descobrir respostas aos questionamentos propostos por esta pesquisa. Através do minucioso método de análise iremos destacar por meio do contexto histórico e de quais fontes Platão se baseia para construir seus argumentos que até hoje levantam discursões e fazem parte do nosso modo de nos portarmos como indivíduos pertencentes a uma sociedade com variadas culturas e modos de viver díspares. Esta pesquisa também propõe uma reflexão acerca dos princípios que hoje norteiam nosso modo de agir e o que nos leva a tal comportamento.

A importância da ética filosófica numa pesquisa científica diz respeito a uma direção que conduz o pensar e o agir do homem em todos os tempos. Ela está expressada não somente nos anseios e problemas oriundos de cada época, mas expressa a organização política, social e religiosa de uma cultura e nação. A Ética filosófica sempre procurou orientar e encontrar soluções para os problemas básicos das relações entre os homens. Desde a Grécia Antiga à Contemporaneidade, a Ética foi discutida, elaborada e referenciada por muitos filósofos.

A metodologia empregada para a realização deste estudo valeu-se da pesquisa bibliográfica. Segundo Lakatos (2007), “a pesquisa bibliográfica trata-se de levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”.

O levantamento bibliográfico objetivou o embasamento teórico das discussões acerca do estudo sobre a *Alma enquanto fundamento ético*, a importância e os desafios do tema em questão. Em função da complexidade e dimensão da obra aqui mencionada a pesquisa se dará em duas etapas: 1) A primeira etapa consistirá na compreensão do tema abordado, fazendo o uso de leituras de textos relacionados a essa temática, que nesta etapa estará sendo feita de forma intensa e aprofundada. 2) No segundo momento será realizada a produção do fichamento dos textos, e dos livros referentes na pesquisa.

Em suma esta pesquisa nos permitirá uma melhor compreensão no que diz respeito a este clássico da filosofia, que de certa forma nos remete a uma reflexão mais ampla e cheia de vieses acerca desta temática que há muito tempo vem-se perpetuando no diálogo filosófico e que nos desperta uma atenção com maior interesse em descobrir sobre o que somente a Metafísica é capaz de explicar, com viés racional, sobre a alma enquanto fundamento ético. Neste capítulo iremos analisar aquilo que norteia o dizer ético de Platão em relação a obra Fédon, iremos através desta análise buscar responder à pergunta que envolve esta pesquisa. Sendo esta; quais as implicações éticas da obra Fédon de Platão? Sabendo que desde a Grécia Antiga, as questões Éticas tornaram-se muito discutidas. A procura pela ética do ser caracteriza-se como herança deixada pelos filósofos gregos. Não obstante, em Platão a Ética adquire ênfase principalmente na política, a partir da concepção de polis, fomentada e elaborada em seu diálogo, extremamente conhecido, como República.

CAPÍTULO I

2 HOMERO COMO UMA INTRODUÇÃO À CULTURA GREGA

Apresentaremos os aspectos que contribuíram para a formação do pensamento grego, assim como a filosofia, abordando as contribuições dos mais diversos povos de origem indo-europeia, que tiveram importância primordial para o que hoje compreendemos sobre a civilização grega, que influenciou assim todo o Ocidente.

Um passo importante para compreendermos a civilização grega é conhecer como eles mesmos se compreendiam. Em vista disso, faz-se importante saber que os gregos não viviam em um país, tal qual conhecemos hoje, mas viviam em independentes cidades-estados, cada cidade tinha suas características. A exemplo disso cada cidade possuía uma forma de governo, e o conjunto dessas cidades-estados formava a Hélade, e nesta, os gregos eram conhecidos como *helenos*. As cidades-estados eram conhecidas como *Polis*, de onde retiramos o termo política.

A história da Grécia antiga apresenta, processos de grandes transformações culturais e sociais que em poucos séculos, dos tempos de Homero a Platão, muitas transformações e criações ocorreram. Entre essas têm as ocorridas no que tange a religião, que primeiro tem sua manifestação nas religiões de mistérios, que surgem na troca de experiência religiosa entre ocidente e oriente; e também na filosofia, proveniente de uma postura de reflexão crítica racional; além das diversas criações artísticas, que vão desde as artes plásticas até as tragédias, que marcaram a história da arte (RUPPENTHAL NETO, 2014)

Este período de grandes modificações culmina na “revolução estrutural” da qual fala Anthony M. Snodgrass, na qual também a religião sofre diversas transformações, uma vez que “o próprio sistema religioso é profundamente reorganizado em estreita conexão com as formas novas de vida social representadas pela cidade” (RUPPENTHAL NETO, 2014).

Ao tratar sobre compreensão homérica de alma, vejamos a seguinte citação:

O uso que Homero faz do conceito de *psykhé*, é bastante divergente do que virá a ser posteriormente a compreensão platônica. A forte relação estabelecida entre Platão e toda a cultura ocidental faz com que seja necessário distinguir-se a compreensão ‘tradicional’ sobre *alma* – influenciada por Platão – e o sentido homérico desta. Também se faz notar que “para compreender e avaliar a novidade efetiva da compreensão da alma no *Fédon* de Platão, impõe-se precisar o conceito de *psykhé* em Homero (RUPPENTHAL, 2014, p. 24).

Outro fato importante na concepção de Homero sobre a alma é que “por oposição aos homens que os deuses homéricos se definem: ao contrário dos humanos, seres terrenos, os deuses são princípios celestes; à diferença dos mortais, escapam à velhice e à morte. Escapam à morte, mas não são eternos nem estão fora do tempo: em princípio pode-se saber de quem cada divindade é filho ou filha. A imortalidade, esta sim, está indissoluvelmente ligada aos deuses que, por oposição aos humanos mortais, são frequentemente designados de "os imortais" e constituem, em sua organização e em seu comportamento, uma sociedade imortal de nobres celestes (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1990).

Homero tinha uma visão acerca dos deuses como possuidores de sentimentos e paixões humanas sendo que seus escritos ainda falam numa forma mitológica¹ sobre deuses e heróis, que tinham semelhança humana, e que podiam intervir no desenvolvimento do universo.

Nas obras principais de Homero proporcionaram uma abertura a ideia de Psyche, que este termo em relação as obras querem dizer “ A vida que se vai” e a imagem do “ Não estar mais vivo”. Segundo REALE, Homero fala da *psyche* sobretudo no momento da morte do homem. A morte coincide, de fato, com a saída da *psyche* que voando pela boca com o último suspiro, vai-se ao *Hades*. O termo *psyche* está intrinsecamente relacionado com a

¹Segundo Mircea Eliade sobre o mito, vai dizer que “O mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares. A definição mais ampla e precisa, é a seguinte: o mito conta uma história sagrada; ele retrata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Os mitos para ELIADE, revelam sua potencialidade criadora e desvendam a sacralidade, ou seja, o sobrenatural de suas obras (ELIADE, 2010, p 11).

respiração, nas referidas obras. Convém recordar que o termo significa soprar (*psychein*) e que a ideia da morte está ligada ao último suspiro (REALE,1999).

Esta fase de desenvolvimento da cultura grega que fundamentou a sociedade ocidental, de um modo geral, serviu para o desenvolvimento de vários outros estudos no que tange as “ciências naturais”, até o próprio autoconhecimento do homem, na sua relação consigo mesmo, em relação aos outros e com o cosmos. Em vista disso puderam se desenvolver ideias e formar conceitos variados que, surgidos no contexto mitológico-religioso, onde a principal preocupação estava em fundamentar as bases religiosas na qual, por intermédio do surgimento da crença na imortalidade da alma, passaram a ser analisados e explicados, por via racional, ganhando, assim, novos sentidos. A exemplo disto podemos citar o conceito de *alma*, onde seu sentido em Homero até sua compreensão pré-socrática, passa por variadas transformações acompanhando as mudanças de mentalidade, do imaginário e até mesmo da sociedade grega.

O processo de formação do povo e da cultura grega determinou o aparecimento, dentro do mundo helênico, de áreas bastante diferenciadas, não só quanto às atividades econômicas e às instituições políticas, mas, também quanto à própria mentalidade e suas manifestações nos campos da arte, da religião e do próprio pensamento.

A Grécia continental, mais presa às tradições da polis arcaica, contrapunha-se às colônias da Ásia Menor, situadas em regiões mais distantes pelo intercâmbio comercial e cultural com outros povos (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1990).

2.1 A religião Grega Antiga

O componente ao qual se precisa fazer referência para compreendermos a gênese da filosofia grega, como já dissemos é a religião. Porém, ao se tratar da religião grega, é necessário que se possa fazer a distinção entre a religião pública, que tem seu modelo na representação dos deuses e o culto que nos foi dada por Homero, e a religião dos mistérios.

O orfismo², nascido provavelmente no século VII a.C., apresentava um sistema de crenças e de cultura, mediante a interpretação da existência dos seres humanos, dando uma nova

²O mito relacionado a Orfeu nos conta que Orfeu foi o poeta e músico mais talentoso que já viveu. Quando tocava sua lira, todos os animais paravam para escutar seus sons. Orfeu apaixona-se por Eurídice, a mais bela mulher existente, e com ela se casa. Mas, picada por uma serpente, Eurídice morre. Orfeu fica transtornado de tristeza. Decide ir até o Mundo dos Mortos, o Hades, para tentar trazê-la de volta. A canção pungente e emocionada de sua lira alivia os tormentos dos condenados. Encontra muitos monstros durante sua jornada, e os encanta com seu canto. Ao chegar diante da deusa Perséfone, esta, comovida, permite que Eurídice volte com Orfeu ao Mundo dos Vivos. Mas, com uma única condição: que ele não olhasse para ela até que ela, outra vez, estivesse à luz do sol. Mas ele, ao atingir a luz do sol, se vira, para certificar-se que Eurídice o estava seguindo. Enquanto ele a olha, ela se torna de novo um fino fantasma, com seu grito final de amor e pena ecoando pelo Mundo dos Mortos e pelo Mundo dos Vivos. Ele a havia perdido para sempre. Em desespero total, Orfeu se retira e se isola do mundo,

concepção de vida do homem, na crença de ser a alma oposta ao corpo e de origem divina, e o corpo um cárcere para a mesma, onde ela só estaria verdadeiramente livre se estivesse fora dele, ou seja, era preciso que a alma estivesse livre, isenta dos prazeres e apetites do corpo, pois, os desejos da carne são totalmente diferentes dos anseios da alma. E o centro de suas preocupações é a vida futura, ou seja, na vida além desta.

Platão ao fundamentar seu pensamento na alma imortal, utiliza-se muito do seu contato com outros estudiosos do tema como Pitágoras e Anaxágoras. Tal, tornou-se um fato conhecido dentro da história da filosofia e a sua experiência com a doutrina de Anaxágoras está relatada na obra Fédon (96a-99d).

Aqui, sintetizaremos o orfismo e a concepção de alma no diálogo Fédon por terem sido evidenciados pelo próprio Platão nos diálogos Mênon e Fedro, no qual o filósofo constrói sua teoria da *reminiscência* e das *semelhanças*, mas somente na obra Fédon é que o filósofo concretiza sua teoria da imortalidade da alma.

A via de purificação dos órficos e dos pitagóricos tinha um princípio básico: a libertação da alma em relação ao corpo. E nesta visão dualística Platão idealizou o mundo sensível e o mundo inteligível. A partir desta concepção os gregos tinham se esforçado para conceituar a alma como sendo algo superior e oposto à matéria; ou seja, as coisas relativas à alma são superiores e as relativas ao corpo são inferiores.

Uma das características da religião órfica era a valorização da alma como sendo essência do homem, e que através do ritual de purificação, no abster-se tanto de alimentos quanto no saciar dos apetites da carne (corpo), pois, este, para os órficos, era cheio de impurezas e de maneira alguma a alma aproximava-se do divino por meio do corpo, mas, somente em si mesma. E para isso era necessário cuidar dela para que a mesma alcançasse os privilégios da eternidade. Portanto, é um tanto válido para Platão apartar o máximo a alma do corpo, para que assim possa a primeira está de fato em sua plenitude.

Com o despontar das religiões de mistérios e dos primeiros filósofos entre os séculos VI e V a.C., começam a florescer as preocupações e consequentes indagações no que se refere à alma humana, tais como a sua origem, substância, trajetória e razão de ser e, também, questões acerca do Cosmos, da morte e do fardo do homem, resultando em constantes

vivendo casto até o resto de seus dias. Torna-se, então, um sábio conselheiro para todos os desesperados, atormentados pelas ilusões da vida. (Cf. CASORETTI, A. M. **A origem da alma**. Do orfismo a Platão. São Paulo, 2010. 77 p. Monografia (Graduação em Filosofia) – Curso de Filosofia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010, p.23.

discussões, que levavam ao surgimento de conceitos filosóficos, regras de hermenêutica e diversos meios de interpretação da *physis*.

Sobre a religião na Grécia podemos citar JAEGER, cuja principal obra, *Paidéia*, retrata muito bem a questão da formação do homem grego. Os gregos acreditavam que através do *Logos*³, o problema do Divino, dentro das reflexões dos primeiros filósofos naturais, ocupava um lugar muito mais amplo do que se costuma reconhecer com frequência. Diante disso citamos JAEGER “A filosofia grega, já em sua origem, carregava em si o germe da teologia, pois, não só buscava um princípio de unidade e sustentação da realidade, como também, num segundo momento, buscava uma explicação racional para a relação entre a natureza e o divino” (1992, p. 12 Apud Maria Casoretti).

As respostas às questões fundamentais para o homem possuem uma longa história e, em grande parte, estão ligadas às crenças religiosas relacionadas a cada povo, pois, as religiões estão comprometidas em explicar as causas e fins do universo, ao seu próprio modo, e incluem nesse uma alma imortal. Mas na Grécia, por volta do século VI a.C., alguns pensadores rejeitaram argumentos religiosos e usaram explicitamente argumentos prioritariamente racionais para resolver as questões sobre o universo, o pensamento e a morte.

Dentre estes pensadores destaca-se Platão. E segundo VERNANT:

Ao estudar a cultura e religião gregas é necessário compreender que se trata de um contexto que envolve conceitos, ideias, mentalidades e realidades completamente diversas dos quais o homem contemporâneo está acostumado a ver. Da religião grega à atual ideia de religião, há uma grande distância, uma vez que houve transformações tamanhas que as próprias noções básicas de “religião” e tudo que esta envolve, tal como “seu papel, suas funções, tanto quanto seu lugar dentro do indivíduo e do grupo (2006, p. 25).

Os gregos, de um certo modo, determinaram por vários séculos, poder-se-ia dizer, alguns milênios, a forma como o homem civilizado deveria conceber a natureza e o destino da alma.

³ (Lat. *Verbam*). A razão enquanto substância ou causa do mundo; 2ª pessoa divina. (ABBAGNANO, Nicola, **Dicionário de Filosofia**, 2007, p. 630).

CAPÍTULO II

3 PENSAMENTO FILOSÓFICO DE PLATÃO

Este capítulo destaca o pensamento filosófico daquele que possivelmente fundou o que hoje chamamos de filosofia, reconhecida de maneira sistemática e organizada, possibilitou que suas ideias e sua forma de pensar se propagasse, perpassando a Grécia à Idade Média e Moderna e em sua continuidade nos dias atuais. Como bem sabemos Platão foi discípulo de Sócrates, considerado um grande sábio da filosofia, tendo deixado vários seguidores, sendo o principal deles Platão.

O pensamento de Platão perpassa por toda a história do mundo ocidental, isto só foi possível porque suas ideias se mantiveram constantemente discutidas.

Platão, personagem singular, viveu em Atenas no século V, no auge do período clássico, da Grécia e da cidade de Atenas, onde desenvolveu e se tornou conhecido. O momento trágico da vida dele foi ter que assistir seu mestre, Sócrates, morrer por determinação das autoridades atenienses, tomando cicutina em 399 a. C.

A condenação de Sócrates se dera em virtude de duas acusações: a primeira afirmava que Sócrates corrompia a juventude e a segunda que ele não cria nos deuses da cidade. Vejamos na seguinte citação: “Platão, que seguira os debates de Sócrates e que o considerava — como escreverá no Fédon — o mais sábio e o mais justo dos homens”, pôde acompanhar de perto o tratamento que seu mestre recebera de ambas as facções políticas. Parecia não existir em Atenas um partido no qual um homem que não quisesse abrir mão de princípios éticos pudesse se integrar. Diante da injustiça sofrida por Sócrates, aprofunda-se o desencanto de Platão com aquela política e com aquela democracia: "Vendo isso e vendo os homens que conduziam a política, quanto mais considerava as leis e os costumes, quanto mais avançava em idade, tanto mais difícil me pareceu administrar os negócios de Estado" (OS PRÉ-SOCRÁTICOS, 1991, p. 12-13).

Platão certamente foi fortemente influenciado também pelos pitagóricos como já mencionamos. Estes consideravam a matemática como algo fundamental para a purificação da alma, tendo o número como elemento místico e material. Assim, Platão vai associar a ideia de que para desenvolver um bom pensamento, um bom raciocínio, uma boa filosofia você precisa ter um bom conhecimento da matemática e da geometria.

Para Platão, a matemática tem a capacidade de ir além deste mundo que é sensível, por intermédio do cálculo e da abstração. Em vista disso como o pensamento e as ideias de seu mestre, e após a morte injusta, Platão preocupou-se em redigir em forma de diálogos

apologéticos, ou seja, Platão fez apologia às ideias de seu mestre, registrando o máximo de ideias que Sócrates deixou.

Portanto, esta primeira fase filosófica de Platão é voltada para a apologia de Sócrates, e que por sinal será a marca da sua estrutura literária utilizando-se de argumentos e contra-argumentos, ele vai amadurecendo enquanto pensador, filósofo e professor de sua academia.

Sabemos que o cerne do pensamento de Platão repousa na teoria, conforme a qual haveria para além desse mundo perceptível aos nossos sentidos, um outro mundo que seria o mundo suprassensível, e isto equivale afirmar que o universo vislumbrado pela via sensível não passa de uma realidade inferior. Esta assertiva representa, dentro da história do pensamento, uma nova forma de abordar os problemas de caráter natural. Sendo que nenhum dos filósofos anteriores a Platão havia vislumbrado a possibilidade de se explicar as causas do universo por meio de um princípio para além do empírico.

Todas as concepções e visões que explicavam o mundo e o seu funcionamento partiam da própria realidade física, ou seja, um filósofo colocava a água como fundamento; o outro tinha como base o fogo; e nem Anaxágoras que falou de uma inteligência ordenadora, desviou-se dessa perspectiva. Os pitagóricos, embora falassem dos números como causa de tudo, eles conservavam o aspecto realista da realidade, já que os princípios postulados diziam respeito a uma existência puramente concreta e imanente a todas as coisas próprias.

Platão, no Fédon, manifesta a sua postura diante a esses filósofos da natureza, entendendo o método empregado por eles como sendo insuficiente e incapaz de manter um conhecimento seguro. É aqui que Platão está caminhando para a teoria do mundo das ideias.

O filósofo, então, propõe a existência de um outro mundo, que seria por sua própria natureza superior a este que percebemos através da sensibilidade. O nosso mundo seria de morte e da não presença do belo, mas da corrupção que não tem em si mesmo a razão de ser. O mundo sensível receberia daquele a sua existência a significação, enquanto cada ser sensível teria no mundo inteligível sua respectiva imagem ideal.

É por esta razão que, na *alegoria da caverna*, o mundo sensível são sombras projetadas do mundo inteligível, de um mundo que é perfeito, belo e sem corrupção, sendo projetada num mundo no qual nada é real, tudo é ilusório e deturpado. Por isso que para Platão é válido o mundo das essências e não das coisas em si. Podemos exemplificar da seguinte maneira: O mundo inteligível que é o mundo das Ideias e dos objetos matemáticos, as ideias pela via da dialética e a matemática pelos próprios conhecimentos matemáticos. E o mundo

sensível: são os objetos sensíveis aqueles que podemos ver e tocar, a crença a opinião; e as sombras que são a ilusão.

Esta divisão se torna o cume do pensamento epistemológico platônico. Através da filosofia temos a possibilidade de subir ao mundo da verdade que, segundo Platão, reside a essência de todas as coisas. Platão vê a filosofia não apenas do âmbito intelectual, mas também amorosamente, de sentimento onde se precisa buscar amar a verdade. Este aspecto diz respeito também a Sócrates, que buscava a sabedoria por amor, ao amor à verdade, ao conhecimento, como sendo uma necessidade da alma de se libertar da realidade do não saber.

3.1 A epistemologia de Platão

A princípio a palavra epistemologia vem do grego e pode ser traduzido como o estudo do conhecimento ou a teoria do conhecimento. A epistemologia surgiu através de Platão, onde ele se opunha à crença ou opinião ao conhecimento. A crença é um ponto de vista subjetivo e o conhecimento é a crença verdadeira e certamente justificada. A teoria criada por Platão diz que o conhecimento é o conjunto de todas as informações que descrevem e explicam o mundo natural e social no qual pertencemos. A questão do conhecimento, para que seja demonstrado pela epistémé é estabelecido a partir de princípios de inteligibilidade que vão dar conta dos fenômenos, que procedem aqui, a uma investigação da epistemologia do Fédon, o diálogo no qual Platão exhibe de maneira positiva uma doutrina do conhecimento especificada em termos de princípios, em contraposição ao método empirista adotado pelos filósofos pré-socráticos.

Um dos grandes problemas investigados por Platão é o da verdade. Por mais que para alguns filósofos a verdade possa ser relativa, a filosofia mostra que tem critérios para isso, ou seja, a verdade é racional dentro de cada período histórico. Portanto, a teoria do conhecimento está intrinsecamente relacionada a formação das ideias e do conhecimento humano desenvolvido em cada época.

O problema do conhecimento surge em Platão como o processo em que o homem acessa o mundo inteligível. Pode-se perceber que todos os filósofos anteriores, de algum modo, já tinham trabalhado esta dimensão, porém nenhum deles da forma eficaz com que fez Platão. De fato, é que Platão não buscava as verdadeiras essências da forma física, mas sob a influência de Sócrates, buscava a verdade essencial. Para ele, a verdade não poderia ser buscada a partir das coisas materiais, porque estas são divisíveis e corruptíveis. Como filósofo, sabia que deveria buscar a verdade plena em algo estável e nas verdadeiras causas, pois a verdade não pode variar.

Platão dizia que se há uma verdade essencial para os homens, essa deve valer para todas as pessoas, portanto, devendo sempre buscar em algo que seja superior. É por isso que é importante entendermos a alegoria da caverna, que traz uma metáfora da condição humana perante o mundo, e diz respeito tanto a importância do conhecimento como da educação para a superação da ignorância. Tal ocorre a partir de uma passagem gradativa da *doxa*, da opinião do senso comum, para o conhecimento filosófico científico que é racional, organizado e sistemático. Segundo a metáfora de Platão, o processo de obtenção de conhecimento de consciência abrange dois domínios: o mundo das coisas sensíveis e o mundo das coisas inteligíveis.

Sendo que a realidade está no mundo das ideias, pois, para Platão este é o mundo real e verdadeiro. Porém a maioria da humanidade vive no mundo da ignorância, vive atrelado ao mundo sensível; como bem sabemos as coisas do mundo sensível são mutáveis e não são perfeitas como as que estão no mundo inteligível. Em vista disso os sentidos não são suficientemente bons para gerar um conhecimento verdadeiro. No Fédon, o conhecimento começa com a sensação, mas apenas como recurso que opera a deportação para as noções da inteligência.

A epistemologia do Fédon (96a), se desenvolve de forma mais completa na investigação sobre as causas da geração e da corrupção de todas as coisas. A busca pelas causas do devir representa uma tentativa de ultrapassar a sua dimensão com a busca da causa “do que é”. A tentativa primeira de se encontrar as causas explicativas do devir parte do princípio das coisas sensíveis no qual se referencia o conhecimento. Trata-se de um modo empirista de explicar que faz girar o conhecimento em torno do objeto.

Em vista disso é importante frisarmos na alegoria da caverna que é uma passagem do livro “A República” de nosso tão citado filósofo Platão, esta, porém, é mais conhecida como alegoria do que propriamente um mito. É considerada uma das mais notórias e significativas alegorias da história da filosofia. Através desta metáfora é possível conhecer uma importante teoria platônica; que por intermédio do conhecimento, é possível captar a existência do mundo sensível (captado pelos sentidos), e do mundo inteligível (conhecido somente através da razão).

O que Platão quer dizer no mito ou alegoria é que os seres humanos têm uma visão distorcida da realidade. No mito, os prisioneiros dizem respeito a nós mesmos, que conseguimos enxergar somente aquilo que acreditamos ver através das imagens criadas pelos conceitos, pela cultura e informações que recebemos durante a nossa vida. A caverna logicamente simboliza o mundo, pois nos apresenta imagens que não representam a realidade, só é possível conhecer

esta realidade, quando nos libertamos destas influências culturais e sociais, ou seja, quando saímos da caverna. Dessa maneira, ele iria perceber que tinha passado toda a vida julgando apenas sombras e ilusões e não conhecendo a verdade, ou seja, vivera afastado de toda a realidade.

Vamos supor, ainda, que esse mesmo prisioneiro saísse da caverna. Ao sair, a luz do sol ofuscaria sua visão e só depois de habituar-se com a luz poderia enxergar as maravilhas que existem fora da caverna.

Podemos citar a passagem da Linha Dividida (509d-511e) que constitui exatamente um dos quatro movimentos através dos quais Platão conduz, sobre o primeiro aspecto: 1) as ciências apropriadas à formação dos futuros governantes, 2) Os outros são as igualmente célebres passagens da Analogia do Sol (507-509c) que a antecede, 3) a Alegoria da Caverna que a sucede (514a-521b), já no Livro VII, e, por fim, 4) a classificação e descrição das ciências propedêuticas, ou seja, diz respeito ao ensinar previamente, é o que provém do ensinamento preparatório, ao estudo da dialética (521c-534e). Essas quatro passagens abordam, cada uma à sua maneira, sobre o dualismo entre o sensível e o inteligível. Lembrando que não iremos nos aprofundar nestas duas categorias, apenas para serem mencionadas afim de enriquecer a pesquisa (PLATÃO, 1972).

3.2. A Filosofia Política de Platão

Iremos fazer uma análise das condições que possibilitam, por meio da concretização histórica do pensamento político platônico, a fundamentação metafísica do Estado.

Para Platão, política e filosofia estão intrinsecamente ligadas uma a outra. Em sua teoria política quando ele analisa o contexto da cidade de Atenas, o faz a partir do caso Sócrates, percebendo uma série de fatores que o levam a concluir que a democracia Ateniense não é a forma de governo ideal.

A democracia ateniense não é a democracia do povo. A palavra *demos*, em grego, significa um conjunto de cidadãos; mas, quem são os cidadãos atenienses? Cidadãos na Atenas clássica são os filhos de pai e mãe ateniense, maior de idade, livre; não pode ser mulher e nem criança obviamente e muito menos os estrangeiros de outras cidades-estados. Na Grécia antiga cada *polis* é um estado próprio e Atenas tinha suas próprias regras políticas (PLATÃO, 1972).

Então, o grande problema de Platão e Sócrates é que esses dois filósofos acabaram se opondo a uma outra classe de pensadores conhecidos como Sofistas. Quem eram os sofistas da época? Eles eram grandes conhecedores da filosofia que vendiam o seu conhecimento e que

trabalhavam com algumas pessoas o poder da retórica, ou seja, da capacidade persuasiva, e que não tinham um compromisso com a verdade.

Os sofistas como Protágoras de Abdera e Górgias relativizaram as opiniões ao afirmarem que não existe uma verdade absoluta. Isto vai contra o que Sócrates e Platão diziam em suas filosofias. Dessa a política ateniense dava mais valor ao poder da retórica, não tem compromisso com a verdade, logo, com o bem da cidade, vejamos nestas citações no qual Platão nos diz sobre a importância do cuidado da alma e com o vigor da justiça para que se possa ter uma boa conduta ao governar.

“Estreitamente relacionado com o ‘cuidado da alma’ está o conceito de justiça exposto por Platão (1949, p.77-78) no citado diálogo, o qual, é um dos assuntos centrais da República, Platão explicita que a justiça seria uma temática simples. (PLATÃO, 1949, p.77-78) ”. Outro trecho da República de Platão podemos mencionar que: Os homens não se contentam com uma vida simples: são gananciosos, ambiciosos, competitivos e invejosos; logo se cansam do que possuem e anseiam por aquilo que não tem, e raramente desejam qualquer coisa, a menos que ela pertença a terceiros, o resultado disso é a invasão de um grupo sobre o território de outro por causa dos recursos da terra, o que culmina na guerra (PLATÃO, 2000b, p.81).

Para Platão toda forma de governo tende a se deteriorar devido ao excesso de seu princípio básico, o que resulta na ausência da justiça.

- A aristocracia arruína-se por limitar com demasiado rigor o círculo dentro do qual se concentra o poder;
- A oligarquia arruína-se pela irrefletida corrida em busca da riqueza imediata, e o resultado é a revolução.
- A democracia e, nela, a classe menos favorecida parece entender que venceu seus adversários, matando alguns e banindo outros, o que dá ao povo a sensação de igualdade, liberdade e poder (PLATÃO, 1949, p. 400).

Está explicitado, portanto, que a justiça é uma das temáticas centrais da obra República, mas que poucas vezes pode-se ser percebida nas diversas relações humanas, devido à predominância do corpo sobre a alma, o que resulta na ignorância, na ganância, injustiça e outros males para a vida humana. Ela ocorrerá se houver harmonia entre as três virtudes da alma, ou seja, as duas partes mortais relativas ao corpo, mas, sobretudo, quando a alma imortal prevalecer sobre as demais. Como já diziam Antiseri e Reale (1990, p. 164) “A justiça só existe

exteriormente, nas suas manifestações, enquanto existir interiormente, na sua raiz, ou seja, na alma. ”

Percebe-se, então que a alma imortal, à semelhança de Fédon e de Fedro, que são um importante assunto que permeiam a República, sob pena de não haver justiça, já que esta encontra-se na alma. Portanto, Platão coloca na estrutura de poder do Estado o filósofo como o grande mediador, como aquele que poderia levar a sociedade para o bem comum verdadeiro e não a democracia ateniense, já corrupta na época dele, estava propondo.

E certamente este bem comum estaria nas mãos do filósofo, que só ele não seria corruptível, onde somente o filósofo não estaria sendo enganado pelas ilusões de poder e por isso Platão tem esse projeto político, mas que infelizmente não se concretiza, porque após a morte de Platão veio a invasão dos macedônios vindo do Norte e Atenas deixa de ser a polis tão poderosa quando houve a guerra contra Esparta. Então Platão tenta alertar, mostrar que a política precisa de uma filosofia, precisa de pessoas que são empenhados no bem comum e não de pessoas que vencem pela retórica e pela oratória.

3.3 A Paideia platônica

Platão defendia que toda educação tinha responsabilidade e reivindicava o acesso universal a educação e a mesma instrução para garotos e garotas. Platão defendia essas ideias por se opor ao sistema democrático que vigorava em Atenas, principalmente porque ele dava poder a pessoas sem preparo algum para governar.

A educação para Platão tinha como objetivo final formar moralmente o homem para viver em um estado justo e, conseqüentemente, rejeitava toda uma educação grega praticada pelos sofistas que ensinavam aos jovens da “elite” ateniense o necessário para se tornarem aptos às funções públicas.

A *Paideia* pode ser entendida enquanto conceito de um sistema de educação integral, para a formação de um cidadão perfeito. Poderíamos também traduzir como sendo uma vasta amplitude da cultura humana englobando a literatura, educação, artes, a tradição, etc. Já *educação* é uma palavra latina atribuída aos romanos que significa conduzir para fora, trazer de dentro, ou seja, trazer para fora o que está dentro de nós mesmos. Em *Paideia* de Jaeger, nota-se uma preocupação com a formação da alma, a qual será mais virtuosa por meio de uma educação adequada, conforme as palavras de Platão, É no contexto da educação que Platão discute a questão das aptidões naturais, pois, em sua concepção, a primeira tarefa da educação é descobrir os habilitados a defender a cidade (PLATÃO, 2000b, p, 61). Segundo Platão, o guardião deve ser; filósofo, irascível, ágil e forte. Platão ressalta a ginástica na educação dos

guardiões, uma vez que ‘desde crianças’ eles devem ser educados nela e terem uma dieta apurada, pois, só assim não necessitarão de médicos (PLATÃO, p. 64).

3.4. Relação da alma com as aptidões

A natureza humana assim como em todas as coisas, é formada por uma virtude particular. Cada coisa desempenha uma atividade com melhor perfeição que as outras, constituindo uma função específica; esta é a sua virtude. As coisas desempenham muito bem suas atividades se estiverem possuídos de sua função específica. Pois cada coisa tem o papel de desempenhar suas virtudes específicas. Do mesmo modo quando desempenham mal sua atividade, com os vícios que são contrários a virtude. Para ser mais específica nas palavras, podemos dizer que o ofício de sapateiro é um belíssimo trabalho quando tem sua função de fazer sapatos bonitos e bem detalhados, quando isto é mal desempenhado é então ausência da virtude. Assim como uma mesa é feita para aquela função que é para ser colocada objetos, louças, e uma série de variedades que são específicas para função no qual foi feita a mesa. Vejamos a seguinte citação da obra Fédon sobre aptidões da alma humana: “Cada homem, diz Platão traz em sua alma a disposição para uma atividade, uma vez que não somos iguais por natureza, mas nascemos com disposições diferentes, cada um com mais jeito para determinado trabalho. Cada homem nasce naturalmente dotado para exercer uma determinada atividade” (37b).

Para melhor explicar esta distinção natural, nosso filósofo utiliza o mito no qual todos os homens nasceram da terra, mas a divindade trouxe à vida, uns com a alma composta por ouro, cuja virtude característica é a capacidade de gerenciar, ou seja, de comandar, já “nos auxiliares acrescentou prata, bem como ferro e bronze nos agricultores e demais artesãos” (Fédon, 41 a-b).

É por este motivo a partir deste mito de Platão que de acordo com Bolzani Filho (2006), nos permite compreender a distinção natural entre os homens. Há aqueles que nascem com a alma dotada de aptidões para produzirem bens para a própria sobrevivência, a exemplo, os artesãos de modo particular; há também os seres dotados de qualidades naturais que são necessárias à vigilância, pois a alma é possuidora da coragem, da força, perspicácia, temperança. Da educação dos guardiões se poderá vislumbrar qual deles terá qualidades suficientes e necessárias para tornar-se filósofo e governar.

Dessa forma, a essência e o sentido de justiça desenvolvido por Platão, vem a ser a virtude da alma, é cumprir o que é o próprio, por natureza, de cada homem. Outro fato importante que podemos destacar é sobre a ginástica que é importante para formação do guardião; sendo que a preocupação de Platão, vai além de possuir força física; é preciso que ele seja sábio, a música deve preceder e predominar sobre os demais conteúdos educacionais. Neste contexto é que Platão tece afirmações acerca da educação infantil e é necessária desde a mais tenra idade e, por ser o momento em que se ‘molda’ o indivíduo, é a mais difícil tarefa que deve ser desempenhada pelas mães e pelas amas (PLATÃO, p. 87).

No entanto, no estudo da República fica claro que a educação, o sumo bem desse modo, esta é a primeira regra e o primeiro modelo a que devemos obedecer nos discursos e nas composições poéticas, além disso, parece claro que o foco de Platão ao escrever a República é o cuidado com a alma imortal. Dessa forma, em seu pressuposto, a educação, tendo como principal finalidade o cuidado com a alma, pois não poderia ser confundida com a aquisição de conhecimentos úteis a serem utilizados nos discursos, conforme proposta dos antigos sofistas.

3.5. Ideia do Bem

Uma das finalidades educacionais também que podemos mencionar é a questão do bem. Quando a educação alcança o seu real objetivo de tornar sábios os integrantes do Estado provocam, em cada um, o desejo insaciável da busca pela verdade e da sabedoria.

Compreendemos a partir da ideia de Bem em Platão, sendo que este, está ligado diretamente à educação, a ética e a política. E a partir desses pressupostos que tivera desapontamento no campo da política que Platão passou, em sua academia, ao lado de seus discípulos, a dedicar-se em tempo integral à formulação de suas teorias acerca da política para de fato se ter um Estado justo.

Quando voltamos a Platão como o grande mentor das ciências políticas, também precisamos levar em consideração que o mesmo deu muita importância à ciência. Principalmente para que ela se efetuassem no campo da educação e da ética, no que diz respeito ao agir humano no contexto da cidade. Pois para Platão através da política, da educação e da ética, o homem grego poderia ter uma formação íntegra, que os direcionasse à contemplação da ideia do bem. Sendo que esta ideia de bem, para Platão, encontra-se no mundo inteligível, obtida no mundo sensível através do praticar das virtudes e do amor à sabedoria.

Apesar de suas ideias políticas e éticas, Platão não assumiu nenhum cargo público em sua época, isto se deu pelo fato das várias experiências desfavoráveis no qual se enquadrava

os governantes em Atenas. Platão não confiava mais na forma de governo exercida, pois, para o filósofo o cidadão democrata não conhecia nem na ordem e nem ao menos no que diz respeito a moral, pois viviam no meio de princípios pela via do prazer e dos caprichos. “O governo democrático foi o primeiro responsável pela condenação de Sócrates, e em consequência, abriu as portas à usurpação do poder pelos Trinta Tiranos. Condenação injusta e escandalosa que exprime uma incompatibilidade trágica entre o poder político e a sabedoria do filósofo” (VERGEZ; HUISMAN, 1974, p. 27).

3.6. A finalidade da Paidéia platônica

Um fator importante que foi analisado pelo filósofo grego foi a ausência de cultura e de competência por parte dos governantes, que agem com imprudência de certa forma, comprometendo o Estado. Teixeira (1999, p.29), afirma em seu livro *Educação do homem segundo Platão*, que: “o filósofo [...] é o mais bem preparado para governar a cidade, pois, graças ao seu conhecimento e sabedoria, adquirido com a educação, poderá fazer boas leis que garantam a harmonia e a superação das consequentes contradições da vida em sociedade”.

A educação é a formação que desde a tenra idade conduz o homem para a virtude, infundindo-lhe o desejo e ilusão de chegar a ser um cidadão perfeito e justo, que saiba comandar e obedecer conforme a justiça. Sendo que a justiça, para cada um, é cumprir a sua própria função. Esse conceito é fundamental para uma possível política.

O papel funcional do educador, na constituição do Estado, será ajudar o seu discípulo a contemplar as ideias, e aperfeiçoar o homem moral que, com o auxílio da filosofia, contribuirá para a construção de um Estado justo. Como dita a citação a seguir que, “A verdadeira Paidéia tem por finalidade modelar o homem dentro do homem, ou o homem no homem, isto é, a parte espiritual da alma” (A República, 588c-d).

Platão está convicto de que a transformação da cidade só será possível pela sabedoria, neste caso, pela filosofia. Governar é servir, assim, o poder só tem sentido quando for um serviço aos demais. Nesse sentido fica claro, que para Platão: educação, ética e política caminham juntas, estão interligadas, entrelaçadas se assim desejar. Até porque para se ter um cidadão o virtuoso eticamente e um bom político para Platão, faz-se necessário uma longa e bem trabalhada caminhada educacional. O que encontramos no modelo educacional grego, é que boa parte da mesma foi herdada dos Espartanos, século IV a.C. Tendo em vista que os Espartanos tinham como primazia o preparar-se para a guerra, em decorrência do contexto histórico da época. Contexto esse, de muitas conquistas através da força e da técnica do

guerrear. Por isso, a educação dos mesmos (dos Espartanos) tinha como princípio os padrões militares (manejo de armas, estratégias e ataque).

Pelo fato do modelo educacional grego ter alcançado alguns traços desse protótipo educacional dos Espartanos, eles o modificaram em alguns pontos, se quiser, inseriram dois pontos a mais no contexto educacional grego sendo eles: a ginástica e a música, passando assim, de uma educação militar que visava em primeiro lugar a força e a estratégia de guerra, para uma educação mais integral do homem. Tendo em vista, uma educação que formasse o cidadão também para a guerra, mas acima de tudo que o levasse a conhecer-se a si mesmo, ter um autodomínio de si, e principalmente sobre suas paixões. Um indivíduo capaz de viver e se defender como cidadão dentro da polis, formar um ser político, justo e moralmente correto.

Diante do exposto, estas temáticas acerca da educação, da política e da ética são discutidas por Platão, no período clássico grego e que se tornam atuais e pertinentes em qualquer tempo. Diferente do que poderíamos imaginar, tais temáticas referidas acima são ainda determinantes e almejam por discussões de caráter urgente em nosso contexto histórico. Isto porque podemos falhar e muito nesses três pontos abordados acima, seja pela omissão ou seja por ignorância.

Acredita-se que o nosso modelo atual educacional de certa forma não está suprimindo os pré-requisitos básicos, para se ter uma sociedade moralmente correta e com cidadãos devidamente comprometidos com as decisões do Estado como Platão tanto sonhava. E sem dúvidas ainda deixamos grandes espaços no que podemos designar formação voltada à educação integral do homem.

CAPÍTULO III

4 FÉDON E AS IMPLICAÇÕES ÉTICAS DA IMORTALIDADE DA ALMA

4.1 A Ética Platônica

Esta fase que permeia o campo da ética por sua vez procura buscar de certa forma compreender a educação ética do homem grego no período anterior a Sócrates, para começar a análise de alguns elementos contribuintes de um novo modelo ético, o modelo socrático-platônico, no qual a razão terá um papel fundamental para a determinação das ações moralmente boas. Tornou-se comum, no âmbito filosófico, a distinção entre moral e ética, no sentido geral sendo que a moral diria respeito seguramente ao corpo posto que haviam regras que funcionam como paradigma para a determinação das ações moralmente boas ou más em um grupo na sociedade, por outro lado a ética seria a disciplina teórica que teria como objeto de estudo crítico

a moral. Visto quando se trata da ética grega do período de Sócrates, de Platão, de Aristóteles, e considerando que, enquanto o termo é empregado pelos latinos⁴, não se obtêm a distinção mencionada acima quando utilizarmos a palavra ‘moral’ em expressões como ‘moralmente boa’, não estaremos fazendo qualquer distinção entre a ‘moral’ e a ‘ética’, mas estamos tomando ambos os termos como apenas sinônimos.

A Ética tem o seu sentido como há em muitos outros conceitos filosóficos, derivado do grego, de *ethos*, que comumente é traduzido para o Português como sendo hábito, costume. Então pode-se inferir que a Ética tem como grande propósito analisar os costumes de um grupo social para, verificando a validade e a justificabilidade de seus princípios e fundamentos.

“Na literatura da Grécia antiga expõe, desde os seus relatos mais antigos, importantes problemas éticos, ainda que eles não fossem explicitados como objetos de estudo” éticas de extrema relevância foram apresentadas, como sobre a possibilidade de atribuir ao agente moral a responsabilidade dos seus atos, se ela foi realizada sem consciência das situações em que a ação ocorreu, como no nobre caso do Édipo que mata o pai sem saber, podemos chamar a atenção de que, ainda hoje, saber se o indivíduo tinha consciência das suas ações pode ser uma tarefa crucial para poder responsabilizar alguém tanto no que diz respeito ao ponto de vista moral como até mesmo do ponto de vista jurídico.

“É válido nos atentarmos ao tratar de questões relevantes, a Ética grega não consiste em conjuntos de regras ou teorizações que ficaram na totalidade ou em sua maior parte circunscritas a um momento embrionário das investigações éticas e que estão guardadas em uma redoma aberta apenas para uma certa erudição pouco profícua para suscitar novos problemas éticos ou possíveis resoluções de problemas postos por novos modelos éticos (Ética,2011, p.05).

Faz-se necessário comentar o que os gregos antigos nos apresentaram acerca da ética não somente para pensar a história da Filosofia no que concerne à Ética, mas também para ajudar a pensar questões éticas independentemente de qual autor ou escola as teriam apresentado.

Com Platão, a Ética ganha uma atenção exclusiva. Pois é comum na literatura especializada nos diálogos de Platão dividi-los e agrupá-los. Uma dessas divisões diz respeito à cronologia na elaboração dos diálogos. Estes diálogos chegam a ser finalizados sem o esclarecimento de certas dúvidas, de certos questionamentos, não obtendo o conhecimento seguro acerca do objeto a ser investigado. Esses diálogos têm como personagem principal Sócrates que, diferentemente dos pré-socráticos, irá dar maior atenção ao homem enquanto

⁴ “ÉTICA, 2011, p.05”

objeto de estudo, sobretudo no que diz respeito à Ética. Em Sócrates, o homem se torna, de modo mais definido, um objeto de investigação. Não numa investigação de ponto de vista físico, mas sim, ético, assim sendo levando em consideração as suas boas ações.

Ao que concerne à Ética, Sócrates parece propor algo novo, ao invés de aceitar de pronto o modelo ético no qual os paradigmas das ações moralmente boas seriam dados pelos textos⁵ que auxiliaram a educar o homem grego. Platão desenvolve um novo modelo, onde as ações moralmente boas seriam determinadas não por modelos já atribuídos, mas, de certo modo, por modelos buscados pela razão. Ele necessita propor outros paradigmas, outros orientadores do indivíduo, para que este possa realizar ações morais boas. Não parece ser a proposta de Sócrates, então, impor aos deuses as causas das nossas ações, com erros e defeitos, como se os homens fossem fantoches dos mesmos.

Sócrates, volta a sua atenção, enquanto objeto da sua investigação, não para o corpo, o qual não é o responsável primeiro pelas ações do indivíduo, mas para a alma, na qual seria a motivadora destas boas ou más ações. Nesse modelo socrático, as ações são realizadas pelos homens, aos quais pode ser atribuída a responsabilidade por aquelas. Porém, se, por um lado, Platão apresenta certo modelo ético, digamos até intelectual, proposto por Sócrates, por outro, no diálogo *Mênon* é levantada a objeção que a razão não seria suficiente para conduzir alguém às ações moralmente boas ao se suspeitar que um indivíduo não pode se transformar em um ser virtuoso através da aprendizagem meramente racional.

Como é possível identificar a ética e a política numa cidade? A cidade ética, diz Platão (*República*, 435e), é quando nela existem três espécies de natureza: uma temperante, uma corajosa e uma sábia, assim as três partes da alma convergem para a mesma direção; a justiça não é, portanto algo que se restringe às ações externas dos homens, mas diz respeito a seu interior.

A ética de Platão na *República* está diretamente relacionada com a alma; e a alma por sua vez tem um caráter moral. O que se entende até aqui é que a ética de Platão na *República* está relacionada intrinsecamente com a alma e a moral. Através desta análise ética da alma do indivíduo Platão se reporta para a polis, construindo um ideal político.

Podemos entender a política como sendo a organização harmoniosa entre os indivíduos das castas, no qual os dirigentes possuidores da mais alta racionalidade governam a cidade de acordo com a justiça, no qual através da razão que domina a coragem e a concupiscência. Sendo assim o Estado político de Platão tem a mesma relação da ética da alma,

⁵ Textos poéticos de Homero e Hesíodo.

em que a cidade justa é aquela em que o filósofo governa, os guerreiros defendem, e os demais provêm a subsistência da cidade.

Ressaltamos que a ética platônica provém de uma organização funcional da alma humana, na qual está fundamentada sua teoria política. Esta relação do homem com a polis se dá através de uma relação de disciplina de postura para assegurar a vida ética, política da polis. “A partir desta relação entre ética e política fundamenta a identidade do indivíduo com a polis. Platão no âmbito político se orienta pela interioridade ética do indivíduo de tal forma que a vivência humana se torna indivisível da polis. Sobre esse prisma o indivíduo é entendido como um Estado em proporções menores que também se constituiria de três ordens”.

4.2 O Filósofo diante da morte

Fédon inicia o relato das últimas horas de Sócrates percebendo tamanha serenidade e nobreza do filósofo prestes a tomar cicuta. Mesmo sabendo que estava diante da morte, a postura que Sócrates demonstrava diante dos demais presentes os deixavam com misto de sensação de dor e prazer. Dor por estarem presenciando o infortúnio de ele estar prestes a morrer, e prazer ao ver o quão Sócrates estava convicto de sua crença em saber que estaria a pouco na presença dos deuses e sábios. Nas palavras de Fédon: “Nos seus modos em seu discurso enfrentava a morte com destemor e nobreza, o que me levou a pensar que mesmo descendo ao Hades não estava fazendo sem a proteção dos deuses, e que se daria bem quando ali chegasse, se é que alguém alguma vez se deu bem” (58e).

A conversação entre Sócrates e seus discípulos inicia-se a partir da constatação feita por Sócrates da relação necessária entre o prazer e a dor. Pois segundo Sócrates a dor e o prazer ambos se relacionam de forma que quando um se apresenta o outro se esconde, mas sempre ambos estando perto. Cebes ao perceber que Sócrates faz referência a Esopo⁶ que poderia ter escrito fábulas acerca da relação a ser mencionada, pede a Sócrates que lhe dê uma explicação pelo motivo pelo qual ele escrevera poemas durante o tempo na prisão. Explicação esta solicitada por Eveno⁷.

A partir do questionamento que Cebes dirige a Sócrates sobre os versos produzidos por este último durante os dias na prisão ele responde que não fora com o intuito de rivalizar com as fábulas produzidas por Esopo, mas, na intenção de entender sobre o sonho que tivera Sócrates na prisão, e que subitamente ficou entendido que era uma indicação da divindade,

⁶Foi um fabulista grego que floresceu entre os séculos VII e VI a.C.

⁷ Eveno de Paros, sofista e poeta elegíaco.

exigindo para que assim o fizesse e compusesse os versos. O referido sonho dizia que Sócrates deveria praticar as artes das Musas⁸ e dedicar-se a elas.⁹ A surpresa de Cebes apareceu na seguinte recomendação dada por Sócrates: “Conta isso a Eveno, Cebes, transmite o meu adeus e disse que se for sábio, me siga o mais breve que possa”. (61c). Esta fala de Sócrates deixa Símiás espantado porque ele entendera que o filósofo estava aconselhando a Eveno que para ser filósofo teria que tentar contra a própria vida para assim contemplar a morada junto aos deuses. Porém o próprio Sócrates já aponta que Eveno não cometeria algo contra a própria vida, posto que isso era tido por proibido. Cebes ainda nessa questão indaga o que Sócrates estava a querer dizer com a proibição de se tirar a própria a vida. Na sequência Cebes faz a relação ou apresenta uma possível contradição na afirmação de Sócrates, posto que para Sócrates é o desejo de todo e qualquer filósofo seguir aquele que nos precede na morte. Cito: “O que queres dizer com isso, Sócrates? Que não é permitido tirar a própria vida, mas que seria o desejo do filósofo seguir aquele que está morrendo?” (61d). Ao se tratar de enviar o seu adeus a Eveno, pelas palavras de Sócrates podemos entender claramente que o filósofo está convidando a Eveno o mais depressa possível a segui-lo para que Eveno possa ter a mesma experiência de viver o que ele mesmo estava vivendo naquele momento, ou seja, pudesse morrer de forma virtuosa e sábia, ou como filósofo devesse morrer.

Sócrates ao questionar o próprio Cebes e também, Símiás que outrora já ouviram a Filolau, filósofo pitagórico, dá início a introdução ao tema principal da obra questionando a Cebes e Símiás por que o desconhecimento acerca da proibição ao suicídio. Entretanto a pergunta que está norteando a conversa é exposta pelo próprio Sócrates nos seguintes termos: “... é melhor morrer ou viver?” (Fédon, p. 23; 62a).

A resposta a esta primeira questão é apresentada por Sócrates utilizando-se o conhecimento órfico e até mesmo pitagórico que afirma que a alma se encontra aprisionada ao corpo, por isso que não nos é dado a autolibertação ou mesmo a possibilidade de uma fuga. Ao que Sócrates continua em seu relato de que os homens pertencem aos deuses e estes são os guardiões, e como são pertencentes a divindade não tem o direito de cometer suicídio, posto de que a vida foi dada e somente aos deuses deve-se ser retirada, ou seja, ao menos que a divindade o coloque nesta contingência.

⁸ As artes das Musas, o que incluía de necessário a poesia.

⁹ O sonho no qual relata Sócrates define-se no seguinte: “Muitas e muitas vezes em minha vida pregressa, sob formas diferentes me apareceu um sonho, porém dizendo sempre a mesma coisa, Sócrates, compõe música e a executa.” Exigia assim o sonho. Desse modo, o sonho o exortava a prosseguir em sua prática habitual, e então a compor música, pois para o filósofo a filosofia é a música mais nobre e a ela deve-se dedicar-se. O sonho era considerado como uma advertência dos deuses (60e).

Entretanto, Cebes apresenta uma objeção ao que Sócrates afirmara quando dissera que sendo o homem pertencente à divindade, certamente esta lhe impôs a condição de estar diante da morte, e que morrer seria na verdade viver na companhia dos deuses. Diante do exposto de Sócrates, seu interlocutor compreende, porém, não acata de pronto, por carecer de mais explicação sobre o argumento levantado por Sócrates, pois, visto que compreendeu quando Sócrates afirmara que os filósofos devem preparar-se para morrer. Mediante isso caberia aos filósofos não se insurgir diante da morte, pois estando na companhia dos deuses, não haveria melhor lugar. Então, Cebes entende que o filósofo que deseja estar morto é um ser insensato que se regozija na condição de estar prestes a morrer. Nas palavras do próprio Cebes:

“Não é lógico que os mais sábios dos homens não lamentasse abandonar esse serviço no qual são cuidados pelos melhores supervisores, nomeadamente os deuses; com certeza um sábio não pensa que ao se tornar livre poderá exercer melhor cuidado de si mesmo do que o exercido pelos deuses. [...] mas um homem de senso desejaria estar sempre com alguém melhor do que ele mesmo. E, não obstante, Sócrates, se o encararmos desse modo, é o contrário do que acabamos de dizer que parece natural, quer dizer, o sábio se ressentiria de morrer, enquanto o tolo se regozijaria com isso” [...] (PLATÃO, 2000, 62 d).

E Símiias complementa o questionamento feito por Cebes nos seguintes termos: “Bem, Sócrates, desta vez penso, de minha parte, que Cebes fala com propriedade. Porque deveriam realmente homens sábios fugir de senhores que são melhores do que eles e facilmente deles se apartarem?” (63 a). Diante do exposto os dois interlocutores vão de encontro à atitude de Sócrates por interpretar a disposição do filósofo para morrer, entendendo que se assim o fizesse não estaria na companhia dos deuses, os quais são os guardiões e que zelam pela vida de cada um. Subitamente o descontentamento dos tebanos ao entender que Sócrates pudesse evitar a morte fazendo isto sabiamente e não se alegrando com a morte, ao que foi interpretado pelos interlocutores como uma forma insensata.

Pois, fica claro a contraposição de Cebes em relação a Sócrates, pois, no seu entendimento, o seu mestre assim permitindo morrer estaria sem os cuidados dos deuses, posto que não é uma tarefa de um sábio pensar que exercendo um melhor cuidado sobre si, assim interpretado que fugindo aos cuidados dos deuses desejando a própria morte seria um caráter não de um sábio, mas, de um tolo.

Em seguida dessas acusações, Sócrates sentira a necessidade de se defender diante do contraponto levantado por seus discípulos não aceitando de pronto o argumento de Sócrates, decidiu-se assim como perante juízes defender-se dizendo estar convicto de que irá para junto dos deuses, estar seguro de que está indo para perto de homens bons e sábios, demonstrando

estar esperançoso de que há algo bom para os mortos e na certeza de ser muito melhor para os bons do que para os maus. É por isso que Sócrates não se irrita diante do que estava por vir.

Entretanto Sócrates expõe os motivos pelo qual está convencido de que a pessoa que dedicou-se toda uma vida à Filosofia, teria de mostrar-se confiante diante da morte, munido de esperança de vir a participar, depois de morto, dos mais valiosos bens.

Diante das palavras de Sócrates, seu discípulo Símiias de imediato indagou sobre tamanha convicção do filósofo de partir assim sem que pudesse dar-lhes a conhecer, pois, Símiias, percebendo a atitude serena no qual Sócrates demonstrava, só poderia tratar-se de algo relevante. E para isto, Símiias quis que Sócrates pudesse os convencer com sua defesa.

Sócrates não hesitou em dar-lhes a explicação de estar tão convencido, mas antes disso lhe foi informado que o encarregado de dar o veneno, havia recomendado para não se animar muito ao conversar, pois, isto iria prejudicar no funcionamento do veneno, isto poderia interromper o seu efeito, pois se assim o fizesse teria de tomar duas ou até mesmo três vezes para assim cumprir a pena da condenação.

Ao que Sócrates, com ironia respondeu, sendo assim, que eles preparem duas ou três doses, se fosse necessário. Em seguida, Sócrates expõe as razões de estar convencido de que o filósofo que dedicou-se verdadeiramente a filosofia, nada mais aspirem do que morrer e estarem mortos.

Sendo assim Sócrates explica que seria um absurdo ir de contra a isto, pois segundo ele, o filósofo deve preparar-se para morrer, pois quando este momento chegar não se irritar, haja visto que deve ser o empenho do filósofo aspirar a morte. Vejamos a seguinte explicação dada por Sócrates:

Quero explicar a vós, meus juízes, porque penso que um homem que realmente passou sua existência dedicando-se à filosofia comportar-se com destemor diante da morte iminente, e alimenta intensas esperanças de que quando morto alcançará as maiores bênçãos no outro mundo (FÉDON, 2008, 64 a).

Diante do esclarecimento dado a Símiias e Cebes, inicia-se a temática filosófica sobre a morte, sendo esta a libertação do pensamento. Ao que Sócrates indaga a Símiias a respeito do que é a morte. “De fato, não sabem de que modo os verdadeiros filósofos anseiam a morte, de que modo merecem a morte, e tampouco de que tipo de morte se trata. Conversemos, portanto, disse ele, entre nós sem prestar mais atenção a eles. Pensas que há essa coisa que é a morte?” (FÉDON, 2008, 64c). Nesta citação Sócrates adentra acerca do tema, questionando se de fato a morte é alguma coisa. Sabemos que todo filósofo deve ter em mente que nada mais digno de elevar o pensamento é preparando-se para morrer e ao chegar o grande momento

alegrar-se por assim de fato estar indo para um lugar de pessoas sábias e boas, e ademais, o último item que Sócrates trata é de que tipo de morte o filósofo se refere.

Este é um ponto importante a ser mencionado, pois, na verdade, no diálogo o acordo que se estabelece entre os interlocutores leva-os a admitir certas posições em comum, nas quais eles superam seus pontos de vista, chegando a vislumbrar uma determinada virtude, para, então, escolhê-la. Dessa maneira, pode-se alcançar um intenso discernimento ético.

Em vista disso no que tange as características dos diálogos platônicos, filosofar é exercitar-se diariamente em superar a si mesmo, para evitar que sejam submissos a um julgamento superficial sobre o que acontece de bom e mal na vida. É nesta perspectiva que Platão educava seus discípulos para se prepararem para morrer e saber escolher virtudes certas e bem fundamentadas numa constante forma de raciocinar retamente.

É esta experiência que antecipa a morte física, de forma metafórica, sabendo fazer boas escolhas, sabendo como viver, sabendo cuidar da alma para que estejam preparados para morrer, e morrer de uma maneira virtuosa e corajosa.

Pois bem, esta pergunta (Pensas que há essa coisa que é a morte? – 64c) feita por Sócrates sobre o que é a morte, lhe foi dada como sendo nada mais e nada menos do que a separação da alma do corpo. Diante disso cito: “Acreditamos, não é mesmo, que a morte é a separação da alma do corpo, e que o estado que corresponde a estar morto é aquele no qual o corpo está separado da alma e existe sozinho por si mesmo, enquanto a alma está separada do corpo e existe sozinha por si mesma?” (FÉDON, 2008, 64 b).

Através desta explicação sobre o que é a morte, Sócrates prossegue em seu discurso questionando sobre a preocupação do filósofo que não está associada aos prazeres, como, por exemplo comer e beber e muito menos aos prazeres relacionados ao amor. Exemplos estes que são citados na obra para deixar claro que a preocupação do filósofo não está pautada as coisas destinadas ao corpo, mas devem ser separadas para serem dirigidas a alma. Pois o papel do filósofo em relação aos demais homens é diferenciado no que diz respeito ao empenho em apartar-se o quanto possível a alma do comércio com o corpo.

Uma citação que deixa claro que Sócrates diz que se ao homem não convém nenhum desses prazeres e com estes não se preocupa, é como se estivesse “morto”. Eis as palavras de Sócrates: “Ora, certamente, Símiás, a maioria das pessoas pensa que um homem que não extrai prazer dessas coisas e que delas não participa não merece viver, e que alguém que em nada se preocupa com os prazeres do corpo está praticamente morto” (FÉDON, 2008, 65 a).

4. 3. Sobre a ética

O historiador da filosofia Geovanni Reale afirma a existência de um dualismo em Platão envolvendo o corpo e a alma. Esta está contra a sua própria vontade presa ao primeiro que é dito por prisão. Neste sentido é necessário compreender o pensamento ético platônico enquanto fundamentado nesta referida dicotomia. Cito: “A ética platônica se apresenta apenas parcialmente condicionada por esse dualismo exacerbado. Seus corolários fundamentais apoiando-se mais na distinção metafísica entre corpo e alma do que na contraposição mistérios órficos entre a alma/*dáimon* e o corpo-cárcere” (REALE, 2004, p.152).

Esta oposição entre alma/corpo, estes por sinal são ideias contrárias, logo, que não se combinam entre si, E como todas as coisas das quais participam excluem os seus opostos, não podendo de nenhuma maneira estarem juntas. Sendo assim, o advir de uma ideia contrária, a primeira substitui a outra, melhor dizendo a primeira cede lugar a outra. A exemplo disso é que uma coisa não pode ter, em tempos iguais como a ideia de quente/frio, estas ideias se excluem, sendo, portanto que quando vem uma a outra tende a desaparecer. Outro exemplo disso é quando a neve se expõe ao calor, não podem estar ao mesmo tempo, a neve acaba por se derreter levando consigo a sua essência de neve que é obviamente fria.

Isto é que caracteriza o princípio de exclusão das ideias que lhes são opostas, e Platão aplica à realidade da alma, sendo a característica fundamental desta, como ideia de vida. Aquela que dá vida ao corpo, é que anima o elemento corpo, que é parte sensível do homem e, é, portanto, essencialmente vida. Desse modo a alma não pode aceitar em si a ideia de morte porque aquela é pura essência, e como visto há um princípio que afirma a impossibilidade da junção destas ideias (vida e morte) que são de caráter contrário. Por conta disso, quando surge a morte, em automático, uma dessas partes tende a se dissolver, sendo o corpo quem sofre tal processo em suas partes elementares, dando lugar à morte, que atingirá somente a natureza sensível do homem. Portanto, Platão deixa claro e comprovado que a alma é imortal (Platão, 2000, 81a).

4.4 As Implicações Éticas

A crença que seguramente Platão expõe nos mitos são bem racionais, e consiste em podermos admitir que o homem está na vida terrena apenas de passagem, e que a vida aqui é um aprendizado, a vida verdadeira está além desta, mas para alcançá-la, é necessário ter um cuidado com a alma, exercendo uma conduta ética, sabendo como viver de forma a buscar sempre estar afastado dos apetites do corpo, e de tudo aquilo que corrompe a alma de alguma maneira. Esta ideia de caráter libertador das dores e dos sofrimentos humanos manifestar-se em todos os mitos escatológicos, que adquirem significado sucinto: “a vantagem sobrevém às almas apenas através de dores

e sofrimentos, tanto na terra como no Hades, porquanto não há outra maneira pela qual possamos nos libertar das injustiças (REALE, 2004, p. 157).

Para auxiliar nos cuidados com o corpo e, conseqüentemente, com a alma, Platão se vale do orfismo e do processo de purificação do corpo através de rituais sagrados. Entretanto, para Platão, este processo é diferenciado das cerimônias nas quais a doutrina é submetida a iniciação e, por conseguinte, o filósofo toma o caminho pitagórico, visando a elevação do pensamento através do conhecimento supremo do inteligível.

Vejamos na compreensão de Goldschimit, a importância do conhecimento para o homem para que este possa através do mesmo, colocar em condições de liberdade diante do erro, para que através do conhecimento possa impor sobre as vontades e ações. “Assim, à medida que o conhecimento aumenta, a responsabilidade do homem aumenta também. Este processo de conscientização implica na perda de liberdade perante o erro” (GOLDSCHIMIT p.23 apud. CASORETTI). O homem sabiamente comprovará que, durante toda a sua existência, tem assimilado aos valores de uma vida filosófica. É por essa razão que o temor da morte, tão característico do ser humano, terá um segundo lugar ante essa aprendizagem. Logo, a escolha de separar a atividade da alma apartando-se das perturbações dos prazeres exacerbados é a própria razão de ser do homem sábio, que segue à risca as exigências de uma vida filosófica diariamente. Nessa perspectiva, a separação entre alma e corpo se apresenta como uma exigência determinada pela clara decisão ética no qual já foi destacado; a de adquirir a sabedoria alcançando a verdade e a sabedoria.

O filósofo que segue este caminho tem a esperança de contemplar, um dia, a dimensão divina, mediante o êxito que então pode caracterizar a própria experiência humana. A figura de Sócrates é testemunho ideal de como se pode viver uma vida filosófica, aceitando a morte e chegando alegre ao último dia, irradiando serenidade e paz.

Desse modo, a ética e o conhecimento na proposta platônica refletem e se sustentam num passo de recíproca purificação, a busca da verdade se apresenta como uma partilha de ideias progressivas entre atos que induzem pensamentos e que, por vezes, determinam atos que voltam a produzir os pensamentos, e assim por diante. Numa forma podemos dizer, cíclica.

O que Sócrates pretende proporcionar não parece tanto a coerência lógica que sustentaria sua teoria, mas sim a perspectiva de libertar os seus discípulos para que pudessem ver em seu exemplo uma forma de como enfrentar a morte em vida, partilhando entre si, os ensinamentos de seu mestre, e vendo como um exemplo a ser seguido, preparando-os para morrer, ou melhor dizendo saber como morrer.

Concluindo, no *Fédon*, a proposta metafórica de “exercitar-se em morrer” parece ser, na verdade, uma proposta de vida possível para o filósofo que tenta este caminho. E tal é dedicado para aqueles que verdadeiramente querem ser filósofos, e nisso consiste em morrer e estarem morto participando de uma vida plena e reta para nos pós vida contemplar em sua finitude dos mais valiosos prêmios.

Para Platão, é na filosofia que se encontra a verdadeira prática para esta vida efetivamente autêntica e o filósofo é aquele que busca a verdadeira vida, podendo alcançar a dimensão exclusiva à qual somente os deuses tem acesso.

O ápice da proposta socrática na vida filosófica, é apresentada na primeira parte do *Fédon*, é subitamente tocar a verdade com alma e pensamento completamente puros para poder reconhecer as virtudes e as ideias em si. Essa experiência é um processo que antecipa metaforicamente a morte física, pois, prepara o filósofo ainda nesta vida para a contemplação ética através do exercício diário de uma forma correta de raciocinar.

4.5. Sobre o conceito de virtude em Platão

O artigo de Paviani faz uma análise sobre a virtude no contexto social e histórico na Grécia antiga e precisamente na obra de Platão. Busca-se esclarecer a origem do conceito de virtude. Busca-se no artigo esclarecer o conceito de virtude dos filósofos antigos, citando Platão especificamente, se de fato a virtude diz respeito ao conceito que é empregado na atualidade. E a relação dos conceitos entre alma e virtude. Sabemos que virtude tem uma dimensão mais ampla no contexto propriamente moral.

Vejamos a questão do termo virtude e seu significado para compreendermos melhor através das palavras de Paviani:

“O termo latino *virtus*, que traduz arete designa a qualidade do varão. Aponta a qualidade do homem valente e corajoso e, por analogia, também pode significar a qualidade ou função de animais e vegetais. Para nós atualmente, a virtude se circunscreve ao campo da moralidade, mas sem abandonar a noção de força, de eficácia ou de mérito pessoal ou de excelência em relação a uma determinada atividade” (PAVIANI,2012, p.88).

Sobre a virtude em Platão, Paviani diz que: “ Os diálogos platônicos não apresentam uma definição única de virtude. O conceito forma-se aos poucos e assume novas dimensões e características em cada diálogo. O método platônico de procura da definição vai além dos aspectos psicológicos e epistemológicos do conceito, embora não os ignore” (PAVIANI, 2012, p.88).

Um fato importante ao ser frisado sobre o método dialético de Platão é que o filósofo tem como objetivo pensar a questão e não apenas analisa-la ou descrevê-la, é por isso que é necessário termos cuidado e atenção para perceber a evolução de concepções e de como o conceito de virtude é caracterizado em seus diálogos. Algo que podemos dar ênfase é a relevância com o qual o conceito de virtude está vinculado no decorrer dos desfechos de suas obras, pois, o conceito virtude pode ser visto de pontos de vista variados.

Paviani assim destaca a questão da complexidade de se explicitar a temática pelo viés Platônico: “Podemos destacar a questão da unidade ou das partes da virtude, a) o problema da natureza da virtude e de seu ensino e, ainda, como algo fundamental, b) as relações entre a ideia de alma e a virtude” (PAVIANI, 2012, p.89).

Sobre a unidade da virtude, analisando este aspecto é exigido uma leitura aos diálogos platônicos, tais como Protágoras, Laques e no Menon, empenha-se em apresentar diferentes posições ou teses. Sobre os argumentos expostos nos diálogos de Platão podemos citar a fala de Paviani: “Os argumentos sustentam uma sucessão de teses contrárias que podem refletir posições de autoria nem sempre identificadas com clareza. Essas posições podem ser de Sócrates (histórico), de sofistas ou do próprio Platão” (PAVIANI, 2012, p.89).

Em relação a virtude que é notório darmos uma importante atenção, podemos compreender a virtude em Platão para especificar as coisas em si, a virtude é o que faz acontecer o que ela é de melhor, algo virtuoso para Platão é aquilo que pode ser oferecido de melhor. Pois, para Platão a alma é virtuosa por ser a sede da justiça e da coragem, lembrando que na tripartição da alma, sendo ela sensível, irascível e racional, sendo esta última a reger as outras partes, pois, possui a sabedoria e a prudência.

Sobre a unidade da virtude podemos dizer que esta exige saber antes de tudo qual é a sua natureza. Pois, Platão introduz as noções de ação e de função para explicar a virtude. Na obra Fédon ao tratar da virtude ele afirma que a virtude verdadeira é a sabedoria, pois a justiça, a coragem e o autocontrole só existem acompanhadas de sabedoria. Por este motivo que deve-se manter o pensamento purificados de toda e qualquer forma de paixões que é necessário estar com pensamento purificado, buscando purificar-se das paixões, sendo que somente pela sabedoria que se atinge a verdade absoluta das coisas. Vejamos na seguinte citação:

“A virtude constituída pela permuta recíproca de tais coisas na ausência da sabedoria não passa de uma aparência fantasiosa de virtude. [...] na verdade o autocontrole a coragem e a justiça constituem uma purificação de todas essas coisas, sendo a própria sabedoria um tipo de purificação” (PLATÃO, 69b-c).

4.6 A Alma e a virtude

Em vista da notoriedade e competência de Paviani em analisar as obras platônicas e em especial esta que está sendo exposta nesta pesquisa monográfica, em sua obra sobre a virtude ele vai dizer que:

“Para Platão a natureza humana é expressa pela psique, alma, o homem tem a alma como sua essência, em vista disso, as virtudes morais são superiores aos bens materiais. A natureza da alma e a imortalidade da alma são duas dimensões fundamentais da filosofia de Platão e ambas incidem sobre a noção de areté, pois essa não pode ser entendida completamente sem uma articulação profunda com esses dois conceitos” (PAVIANI,2012, p.94).

Por esse motivo a alma e virtude em Platão, refletem uma concepção acerca do homem marcada pelo viés moral e ético. É necessário entendermos essa relação entre alma e virtude, pressupondo, além da compreensão da alma como um princípio cognitivo, mas também como um princípio ético, que nos permite identificar se um ser, indivíduo é bom ou mau.

Portanto, entendemos o cuidado com o qual Platão tem em relação a alma, pois, tudo que provém da alma reflete no corpo, em suas atitudes, sendo esta o princípio de todas as coisas, que esta é dotada de virtude, inteligência e prudência. Isto é o importante a Platão a alma virtuosa, características estas que estabelecem relação com a alma e refletem no comportamento humano, no que diz respeito a educação e também no Estado ideal. E é nesta perspectiva platônica que ele ensinava aos jovens em sua academia a estar sempre em cuidados com a alma afastando diretamente do contato com o corpo e suas paixões, para que possa alcançar a plenitude verdadeira, que é de alcançar a virtude através da ética.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta pesquisa permitiu identificar que a alma é imortal, contempla as ideias, segundo Platão, no mundo inteligível, para que as almas sejam absolvidas devem passar por um processo de purificação, cabe o esforço para uma conduta no mundo sensível, ou seja, material, desapegada dos prazeres do corpo. Para conseguir aproximar-se e contemplar a verdade em si, a virtude, a sabedoria o filósofo deve buscar a essência porque esta não se corrompe.

A morte para o filósofo constitui-se num momento muito importante nesse processo. É estar convicto e esperançoso de purificar-se através da separação da alma do corpo. A morte de Sócrates relatada na obra deve ser interpretada como o testemunho de um filósofo que decidiu oferecer, através de sua própria morte, por a prova que para ele era uma certeza que o filosofar é preparar-se para morrer. Esta certeza parece provocar um certo desconforto, pois

está pautado num sistema de valores que não prioriza a vida física, valorizando a alma como sendo fonte de toda sabedoria, conhecimento e justiça. Que pelo contanto com o corpo, sente-se aprisionada, fazendo com que esta não desempenha suas funções sem que tenha as sensações a interferir. Portanto, foi através da morte de Sócrates que podemos chamar hoje de filosofia.

Por tratar-se de uma morte igual a um suicídio, mas um suicídio não para mostrar uma ação de um desesperado, mas pode-se ser interpretado como um testemunho de um pensador que ofertou-se com sua própria vida, por estar convicto de que havia um lugar muito melhor para os bons, para aqueles que foram amantes da sabedoria, da justiça e que buscam a verdade em si. Esta obra é uma fonte de riqueza para compreendermos a forte influência que os Cristãos que hoje exercem sua fé, e que há muito tempo houve um protagonista que doou a própria vida, como testemunho que existe uma alma que sobrevive fora do corpo, e que esta é divina, imortal e precisamente incorruptível e eterna. Foram trilhados diversos caminhos que desde a formação da Grécia, e com o surgimento da filosofia, das concepções cosmológicas baseadas pelos primeiros pensadores por uma visão mitológica.

Platão nos mostra pelo viés racional um olhar voltado para o mundo das ideias, sendo este o real, o mundo das coisas perfeitas e incorruptíveis. Sendo o mundo sensível uma réplica deturpada deste mundo perfeito. Platão amplia os horizontes para esta perspectiva dualística em sua obra, no qual por intermédio de fortes argumentos muito bem fundamentados e articulados convenceu seus interlocutores de que a alma é sim imortal. E que esta é a sede de toda sabedoria, da virtude e da justiça refletida dentro de cada indivíduo isso é que os define, sendo assim, a proposta ética não é a realidade empírica, e suas condutas humanas, mas sim o mundo inteligível, sendo que a função da ética é de iluminar a consciência do homem para que com a consciência iluminada possa perceber e avaliar as coisas. Platão centra seus argumentos na ideia perfeita, boa e justa que organiza toda uma sociedade e rege a conduta do ser humano.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Ed. Martins Fontes. 2007, São Paulo, p.630.

BOLZANI FILHO, Roberto. Introdução. In: *A República: ou sobre a justiça, diálogo político*. Tradução Anna Lia Amaral de Almeida Prado; revisão técnica e introdução Roberto Bolzani Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRANDÃO, Carlos. **O que é educação?** São Paulo: Brasiliense, 1991.

CASORETTI, A. M. **A origem da alma**. Do orfismo a Platão. São Paulo, 2010. 77 p. Monografia (Graduação em Filosofia) – Curso de Filosofia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010, p.23.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Editora Ática, 2006.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2010, p. 11.

_____. **ÉTICA**. SÃO PAULO, 2011. p.05

FERREIRA dos Santos, Mário. **A Sabedoria das Leis Eternas**, ed. É Realizações,2001, São Paulo.

GOLDSCHIMIDT, Victor. **A Religião de Platão**. Ed. Pensamento,1970, São Paulo.

JAEGER, Werner. **PAIDÉIA: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

_____. **Menon**, Edições Loyola, 2009, São Paulo.

NICHELE, P. M. **A indagação sobre a imortalidade da alma em Platão**. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.

OS PRÉ-SOCRÁTICOS - *in* coleção **Os Pensadores**, Ed. Abril Cultural, São Paulo, 1990.

PAVIANI, Jayme. **Filosofia e Método em Platão**. Porto Alegre: Edipucrs, 2012.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Abril Cultural.

PLATÃO. **Diálogos III**: (Sócrates): Fedro (ou do belo); Eutífron (ou da religiosidade); Apologia de Sócrates; Críton (ou do dever); Fédon (ou da alma) /Platão; [tradução, textos complementares e notas Edson Bini]- Bauru, São Paulo: EDIPRO,2008. (clássicos edipro)

PLATÃO. **Fédon**. São Paulo, Ed. Abril Cultural,1972 (coleção pensadores).

PLATÃO. **Fédon**: Sobre a imortalidade da alma. São Paulo: Editora Nova Cultural.2000. p.96a 99d.

REALE, G. Corpo. **Alma e Saúde**: o Conceito de Homem de Homero a Platão. São Paulo, Ed. Paulus, 2002.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dario. **História da Filosofia: Antigüidade e Idade Média**,São Paulo: Ed. Paulus, 1990. [v.1]

ROHDE, Erwin. **Psique**: la idea del alma y immortalidad entre los griegos. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.

RUPPENTHAL, Neto. **Psykhé entre os gregos**: Do mito Homérico às concepções pré-socráticas. 2014, p.04.

SÁNCHEZ, Vázquez Adolfo, 1915 –**Ética**. Tradução de João Dell' Anna, - 33ª ed.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. p.23.

SANTOS, B. S. (O.S.B.) *A imortalidade da alma no Fédon de Platão*: coerência e legitimidade do argumento final (102a-107b). Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

SANTOS, Mário José dos. **Os Pré-Socráticos**. Juiz de Fora: UFJF, 2001

TEIXEIRA, Evilázio F. Borges. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de Filosofia IV**: Introdução à Ética Filosófica. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VERGEZ, André Huisman, Denis. **História dos filósofos**. Trad. Lélia de Almeida Gonzalez. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

VERNANT, Jean-Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

VERNANT, Jean-Pierre. **Cultura e Religião**. 2006, p.25

APÊNDICE

SOBRE A ALMA IMORTAL E O CONHECER

Sócrates adverte que o corpo representa um obstáculo para a alma, pois os sentidos não asseguram nenhuma verdade, sendo assim a alma não atinge a verdade em si através dos sentidos, dos órgãos dos sentidos, como os olhos, os ouvidos a audição. A alma concentra-se, em si mesma, na busca do conhecimento e da verdade quando não tem nada disso a perturbá-la, com a ausência da dor e do prazer, evitando ao máximo a companhia do corpo, e empenhando-se assim por apreender a verdade. Esta afirmação de Sócrates que caracteriza que o filósofo deve fugir dos apetites do corpo. Um discurso interessante trata-se da essência das coisas que existem, tais como o “justo”, o “belo”, o “bom” que são perceptíveis não com os sentidos corpóreos, mas sim mediante pensamento, para alcançar de maneira mais pura de cada coisa apenas com o pensamento, isso sem as reflexões da visão ou de qualquer outro sentido que venha associar ao raciocínio, pois deve-se apreender cada coisa com pensamento puro, apartando-se o quanto possível dos sentidos do corpo, sendo este fator de perturbação para a alma. Sócrates deixa claro; para que seja possível alcançar a verdade o filósofo deve apartar-se do corpo, pois de acordo com o mesmo, a alma encontra-se presa em sua corrupção.

Mediante isto podemos citar Sócrates:

[...] realmente o que constatamos é que se pretendemos algum dia obter um conhecimento puro de qualquer coisa teremos que nos libertar do corpo e observar as coisas em si mesmas com a alma exclusivamente. Assim, como indica nosso argumento, é provável que quando estivermos mortos teremos a sabedoria pela qual ansiamos e da qual afirmamos ser amantes- e não enquanto vivemos (FÉDON, 66 e).

Sócrates apresenta grande esperança com as perspectivas dos argumentos propostos na obra, no qual os quatro argumentos expostos por Sócrates no Fédon, como será enfatizado mais à frente, estão ligados ao modo de encarar a morte pois, todo seu esforço será recompensado, ao que ele diz que sua “viagem” será repleta de esperança, alcançando aquilo de que toda sua vida almejava, que a alcançar a sabedoria e a verdade. No discurso de Sócrates menciona-se, no que tange, a questão da purificação, a saber a alma separar-se o quanto possível do corpo, sem medo de errar o discurso está pautado seguramente na religião órfico-pitagórica, afirmando que somente aqueles que fazem surgir em si este desejo e certamente a filosofia que os mantém desejosos de libertar a alma de uma vez por todas do contato com o corpo.

Sócrates tenta explicar aos seus discípulos presentes e participantes dos argumentos levantados, de que é preciso compreender que, firmando-se na filosofia diariamente a alma dos apetites do corpo, isto seguramente os fariam corajosos na hora em que a morte chegasse, pois

seria o momento crucial de ir de encontro à sabedoria, e a verdade plena e mantendo-se fixos no que teria de vir. assim coisas pertencentes ao corpo e matéria já não traria mais motivo para estar vivo, e sim na convicção de que no pós morte traria melhores benefícios exclusivamente aos filósofos permitindo-se que purificando suas almas com coisas relacionadas ao bem, por exemplo certamente lhes garantiriam contemplar o que tanto almejam, que conseqüentemente em vida não teriam o alcance desejado, haja vista que o corpo não possibilita para alma estar concentrada totalmente em si mesma, sem que os sentidos a engane e a perturbe. E isto subitamente faria extinguir do homem, principalmente ao filósofo, não temer a morte, mas, sim alegrar-se por, a partir dela, libertar finalmente a alma para contemplar aquilo que merece mediante o exercício moral praticado em vida.

Esta forma de pensar ético caracteriza a virtude para Sócrates, pois, para ele o homem que se lamenta no momento da morte não demonstra apreço para com a sabedoria, mas sim com o corpo, pois não ama as riquezas celestes e sim as riquezas terrenas. Sendo assim para Sócrates a “virtude verdadeira tem que vir acompanhada da sabedoria, caso contrário não seria virtude e sim algo fora da realidade. E complementa o pensamento afirmando que, “Na verdade, o autocontrole, a coragem e a justiça constituem uma purificação de todas essas coisas, sendo a própria sabedoria um tipo de purificação” (69 c). Porém trata-se de um argumento de Sócrates para convencer os seus interlocutores de que o que estava a fazer era de caráter virtuoso, repleto de convicção de o lugar para o qual estava à espera, certo de estar purificado de todas as paixões e munido de virtude estará garantindo sua morada junto aos deuses.

Em meio a defesa de Sócrates, Símiias e Cebes demonstraram contradição, Quando Sócrates concluiu. Cebes se manifestou dizendo: Sócrates, tens meu assentimento para outros pontos de teu discurso, mas quanto ao que disseste sobre a alma, a tendência humana é exibir descrença. As pessoas supõem que quando a alma abandona o corpo não existe mais em algum lugar que possam habitar e que a partir do momento que o indivíduo morre é destruída e dissolvida; que logo que deixa o corpo e se dissocia dele ela se dispersa como sopro ou fumaça, esvai-se e não é mais algo em lugar algum” (70 a).

Neste trecho o cume do discurso que a partir do contra-argumento levantado por Cebes é que Sócrates irá articular e fundamentar seus argumentos sobre a imortalidade da alma, pois podemos observar pela fala de Cebes que seu argumento é puramente fundamentado em Homero, no qual sua crença e juntamente com a de Símiias está vinculada na concepção homérica de que a morte não representaria um nada para o homem. Para exemplificar mais sobre a concepção homérica vejamos nesta citação:

Outro fato importante na concepção de Homero sobre a alma é que ‘por oposição aos homens que os deuses homéricos se definem: ao contrário dos humanos, seres terrenos, os deuses são princípios celestes; à diferença dos mortais, escapam à velhice e à morte. Escapam à morte, mas não são eternos nem estão fora do tempo: em princípio pode-se saber de quem cada divindade é filho ou filha. A imortalidade, esta sim, está indissolúvelmente ligada aos deuses que, por oposição aos humanos mortais, são frequentemente designados de ‘os imortais’ e constituem, em sua organização e em seu comportamento, uma sociedade imortal de nobres celestes (Os Pré-Socráticos, p.11)

Platão por intermédio de Sócrates, em seu diálogo, busca através de quatro importantes argumentos de fato convencer Símiias e Cebes e aos demais presentes no dia do julgamento de Sócrates na prisão, de que a visão de Homero sobre a não existência da alma depois da morte do corpo, que de certa forma era a crença de seus discípulos, e o que Sócrates propunha é que a alma sobrevive ao corpo, e esta assemelha-se ao divino por ser imortal. E isto é que Sócrates explicita de forma racional e bem fundamentada mostrando aos seus discípulos que a alma não se dissipava, a morte, sendo insignificante, daria fim, portanto, apenas ao corpo e conseqüentemente não à alma. Ao que a partir desta colocação contrária é que Sócrates iniciará suas explicações para provar que a alma é imortal. Assim como é de caráter da filosofia problematizar acerca de quaisquer temáticas, inicia-se aqui o problema da alma, para comprovar que esta é de fato imortal, sendo assim a doutrina órfico-pitagórica foram cabíveis a Platão para enraizar sua teoria das ideias.

Uma pergunta pode aqui ser feita: quais os argumentos apresentados por Sócrates para a sustentação de sua convicção? E uma segunda como identificamos tais argumentos? Os argumentos utilizados por Sócrates são estes respectivamente: Argumento dos Contrários, Argumento da reminiscência, Argumento das semelhanças, Argumento da alma como ideia de vida.

De acordo com a seguinte indagação de Sócrates:

Examinemo-la indagando se as almas dos seres humanos falecidos estão no mundo subterrâneo ou não. Segundo uma antiga explicação, da qual nos recordamos, elas partem daqui para lá e aqui retornam novamente, nascendo dos mortos. Ora, se isso é verdade, se os vivos nascem novamente dos mortos, nossas almas existiram lá, não existiriam? Afinal não poderiam renascer se não existissem, o que seria prova suficiente de sua existência se realmente fosse apresentada a evidência de que os vivos nascem somente de uma fonte, a saber dos mortos (FÉDON, 70 d).

O primeiro argumento parte do pressuposto de que há uma sucessão de contrários em todas as coisas, que mutuamente se geram e se alternam. Desse modo o belo é o contrário do feio, o maior contrário do menor, o frio do quente, o justo do injusto e assim sucessivamente. Então, o princípio da geração estabelece que as coisas que possuem o seu contrário conseqüentemente surgem deste contrário. E também com a alma se dá uma continuidade por

meio do ciclo de vida/morte caracterizada pela passagem de um estado para outro. Vejamos na seguinte passagem:

“Agora tu, ele disse, “fala-me dessa mesma maneira da vida e da morte. Não dizes que viver é o contrário de estar morto?”

“Digo.”

“E que são gerados um do outro?”

“Sim”.

“Ora, e o que é gerado dos vivos?”

“Os mortos”, ele disse.

“E o que é gerado”, prosseguiu Sócrates, “ dos mortos”?

“ Só me cabe dizer uma coisa: os vivos”.

“Então, Cebes, tanto criaturas quanto coisas vivas são geradas dos mortos?”

“É o que parece”.

“ Então”, disse Sócrates, “ nossas almas existem no Hades”.

“É o que parece provável.”¹⁰

Neste processo cíclico de vida e morte no qual Sócrates argumenta a Cebes, especificamente, ele diz que um surge do contrário do outro, ficando explícito que há o processo de reviver, sendo que um gera o outro. “A morte e a vida são igualmente dois contrários e entre ambos, como entre todos os contrários, há duplo processo. Há o processo que vai do vivo ao morto, que é o morrer; porém, a este processo deve corresponder o outro que vai do morto ao vivo, ou seja, o renascer” (SANTOS, 1999, p. 47, *apud* Casoretti).

Certamente este argumento não satisfaz os seus dialogadores no que diz respeito não a imortalidade da alma, mas sim, a pré-existência da alma; de onde ela vem, e buscam de Sócrates que demonstre no diálogo além de expor este argumento, foi mais além demonstrando que além da alma sobreviver ao corpo esta tem identidade e aptidão de conhecer.

Ao argumento dos contrários, Cebes logo associará o da reminiscência que diz que *o nosso conhecimento não é precisamente outra coisa a não ser reminiscência*, sendo que este argumento assegura uma contemplação do conhecimento numa vida passada e que o aprender seria na verdade recordar deste conhecimento antes já contemplado. Cebes argumenta: “ Ora, isso somente seria possível se nossa alma existisse em algum lugar antes de nascer assumindo essa forma humana” (73 a).

Para explicar este argumento temos que entender que para Platão todo conhecer é um reconhecer que a alma realiza através do conhecimento prévio contemplado no mundo inteligível. Sendo assim, aprender é recordar, em função desta natureza cíclica da alma, não há nada no mundo sensível que a alma não tenha já aprendido e apreendido no mundo inteligível.

¹⁰Fédon (ou da Alma), 71d-e.

Este argumento também está relacionado ao sensível e inteligível¹¹; em relação ao corpo e alma. E é por este motivo que o argumento dos contrários nos remete ao argumento da reminiscência¹².

No Mênon há um debate bastante interessante e crucial que diz respeito a um questionamento pois, assim, Platão buscou respostas sobre o conhecimento em si, por meio dos filósofos da natureza e que por sinal não foram suficientes, então O questionar sobre os princípios fundamentais do mundo, pois, se estes não pertencem a nossa realidade sensível, então, como poderia o homem conhecer estas realidades supra-sensíveis? É a este questionamento que a obra Mênon irá levantar, pelo personagem que leva o nome da obra, O qual vai questionar a Sócrates, como é possível procurar algo que não se conhece? Como procurar algo que não nos é conhecido? Como saber se este objeto de fato desconhecido e, portanto, procurado? Estas indagações pertinentes fizeram surgir o problema do conhecimento, que foi reconhecido até mesmo por Sócrates.

Então com finalidade de superar a esta contestação, o nosso filósofo Platão vem afirmar que o conhecimento está dentro de nós, só nos basta lembrar do que já foi presenciado em uma outra existência. É por esse motivo que Platão em sua obra Mênon afirma que o conhecer é na verdade um recordar, trata-se de uma reminiscência, pelo qual os sentidos nos dão ocasião para despertar para o conhecimento, para o que de fato é verdadeiro. Sendo assim, este argumento reforça a assertiva de Sócrates para comprovar a imortalidade da alma, sendo que ela teria de renascer várias vezes, e só assim conheceria a realidade do mundo inteligível.

Outro exemplo de anamnese¹³ proposta por Platão encontramos na seguinte narrativa do Livro X da República, no mito de Er¹⁴, seu lugar de origem¹⁵, este personagem no mito havia morrido, melhor dizendo desceu ao Hades, e estando lá encontrou algumas pessoas,

¹¹Para Platão a alma contempla as coisas em si do mundo inteligível quando está no seu estado puro, totalmente afastada do corpo.

¹² No argumento da reminiscência apresentado por Platão no diálogo Mênon, se diz que o conhecimento é anamnese, ou seja, é uma forma de “recordar” A teoria procura superar o problema que Platão encontra. Pois segundo os erísticos “ a pesquisa e o conhecimento não são possíveis: com efeito, não se pode procurar e conhecer o que não se conhece porque, mesmo encontrando-o, não se poderia reconhecê-lo; por outro lado, não tem sentido procurar o que já se conhece, justamente porque já é conhecido” Cf. Mênon, 80d.

¹³A *anámnese* é uma concepção do conhecimento fundamental no pensamento platônico segundo a qual todo conhecimento é reconhecimento é recordação de uma experiência prévia das almas relativamente às ideias. Veremos o quanto a *anámnese* está de certa forma fundada no mito, pois é a partir deste que Platão acha por bem descrever a apreensão intelectual da realidade sempre ocorrida “antes” da suposta encarnação ou particularização material das almas num corpo específico.

¹⁴ Este personagem na obra é um pastor de nome Er, da Panfília. (A República, livro X, 614b- 621b).

que assim como ele, esperavam o momento certo para se reencarnar. Antes de voltar a vida terrena, cada um que estava neste lugar deveriam escolher que tipo de vida que iriam levar para quando retornassem à existência na terra, e em seguida teriam de adentrar no rio léthe, que significa esquecimento. Er notou que os que adentravam ao rio, alguns acabavam ingerindo grande quantidade de água e outros pouca. Observou que estes que adentravam ao rio, eram os quais haviam escolhido a vida segundo a sabedoria, e enquanto outros escolhiam pela vida, sendo de prazer, riquezas e honras, sendo uma dessas escolhas.

De acordo com a narrativa do mito acima, Platão nos permite entender o fato de que apenas alguns, mesmo vivendo em meio a ilusões criadas pela sensibilidade, buscam e levam consigo o desejo de encontrar a verdade, sendo este um empenho não apenas da memória, mas também um esforço intelectual. Esta busca vem através de certezas e de uma fundamentação de caráter ético, só assim podem conhecer. E se dispõem a verdade na lembrança, despertando um saber que já está existente na alma.

Podemos citar outro exemplo da imortalidade da alma como ponto inicial do conhecimento é apresentado por Platão no Fedro. Este diálogo é narrado a lenda da Parelha alada, de acordo com esta, o homem antes de vir habitar este mundo sensível teria a semelhança de uma carroça alada, sendo conduzida por uma auriga e puxada por dois cavalos, sendo um bom e o outro não. Em busca da verdade, sendo este o auge celeste, onde está localizado o mundo hiperurânico das formas, e que recebe uma aversão do cavalo de má raça, e este arrasta a carroça para baixo, impedindo que a carroça chegue ao mais alto. Depois de muito conflito, acaba perdendo as asas, e a carroça torna-se pesada, a alma decai vindo morar no mundo de dor e sofrimento. Aqui está o motivo de a alma, uma vez presa a um corpo, anseia pela morada celeste de onde veio e para onde tanto deseja voltar.

Certamente para explicar este mito apresentado na obra Fedro, a alma aqui é representada de forma figurativa. Os elementos presentes na narrativa, tais como a auriga e os dois cavalos, são na verdade metáforas que representam a maneira pela qual Platão concebia a alma. Desse modo, a auriga seria assim a razão que guiava a carroça em direção a verdade, e o cavalo de boa raça e o de má raça seriam, no entanto, as duas naturezas: irascível e concupível do homem. Estas na verdade representam a alma e o corpo sendo que a alma busca sempre pela verdade e nela quer permanecer e a natureza concupível seria nada mais que o corpo, que está voltado mais para os bens materiais ou os objetos que proporcionam prazer, as riquezas terrenas.

Platão utiliza-se muito das narrativas para explicar o homem na sua totalidade, explicar sobre os Kosmos, o homem e a alma do homem, mesmo influenciado pela doutrina

órfica ele não se contenta em fundamentar sua tese apenas pela via do mito, a exemplo disso na obra *Mênon*, ele procura demonstrar na prática, melhor dizendo, de forma experimental o seu pensamento. Sócrates, na tentativa de comprovar que na realidade nada aprendemos, induz a um escravo, através de um interrogatório; bem sabemos que na antiguidade grega restringiam-se ao trabalho manual, por isso não tinham nenhum acesso ao saber matemático.

Sócrates indaga ao jovem escravo uma resolução de um problema matemático que diz respeito ao teorema de Pitágoras, assim respondendo o problema sem nenhum conhecimento do mesmo, e que diga-se correspondeu muito bem a resolução, não lhe restou dúvidas de que o conhecimento já estava impregnado no jovem servo e que foi despertado pelo método dialético de Sócrates conduzindo o jovem sem ao menos ter conhecimento matemático no qual estava sendo posto no momento, para assim provar na experiência de que o indivíduo já possui em seu interior o conhecimento, a partir disso como diria Sócrates que incontestavelmente temos que admitir a existência de um mundo inteligível conhecido pela alma imortal¹⁶.

Aos dois argumentos prévios, Platão acrescenta mais um outro, sendo este o da semelhança. Tal tem por finalidade mostrar que a realidade possui duas divisões: uma parte é sensível e a outra é invisível. O argumento parte do pressuposto que as coisas conservam sempre a sua natureza, ou seja, comportam-se sempre do mesmo modo mantendo sua identidade e as suas relações, sendo distintas das coisas compostas que se transformam continuamente no que diz respeito ao seu estado e suas relações. Para sermos mais claros, este argumento fala a respeito das coisas simples e das coisas compostas, sendo que de um lado constatamos que a natureza das coisas compostas muda sua natureza, por isso são visíveis e apenas captadas pelos sentidos. Por outro lado, existem as coisas simples, imutáveis, invisíveis e são captados pela pureza da inteligência; a exemplo, o belo em si, o Bom em si, o igual em si e sucessivamente.

Estas propriedades não são perceptivas ao sensível em sua plenitude, em vista disso esses atributos se opõem uma natureza sensível, pois eles são visíveis, compostos e mutáveis, portanto, são perecíveis, e aqueles que são invisíveis que somente são captados pelo pensamento, são simples e imutáveis. Sendo assim, a parte sensível diz respeito ao corpo por ser composto e está em constante mudança, e a parte invisível estaria relacionada com a alma, sendo esta simples, e imutável, sendo assim, por consequência, eterna. Contemplando as coisas como realmente são, o Ser em Platão não estar na natureza sensível, e sim no mundo inteligível, no mundo das ideias.

¹⁶Cf. PLATÃO. *Mênon*, pp.60-61. Apud José Soares das Chagas. 2009, p.97).

Este argumento desenvolvido por Platão vem nos salientar que não são nas coisas que encontramos a razão de suas existências, e sim nas ideias. Então este argumento é cabível e satisfatório aos seus interlocutores que aceitam como comprovação da existência de uma alma imortal, e que esta se opõe ao corpo.

O último argumento que comprova a imortalidade da alma, na obra Fédon, é conhecido como “a alma como ideia de vida”. Este argumento parte das objeções de Símias e Cebes a respeito do destino das almas.

Cebes argumenta sobre a alma, vejamos:

Mas penso que se alma quando se separa e parte do corpo encontra-se maculada e impura- por ter estado sempre associada ao corpo, a ele servindo e amando, fascinada por ele, por seus apetites e prazeres, a ponto de nada mais lhe importar exceto o corpóreo, em relação ao qual se pode tocar, ver, beber e comer, além de utilizá-lo para os prazeres do sexo, e se foi acostumada a odiar, temer e evitar o que é obscuro e invisível para os olhos, mas inteligível e apreensível para a filosofia. Cebes questiona se a alma nestas condições poderá partir pura (81 b).

Sócrates explica esta objeção de Cebes sobre as almas estarem tão associadas ao corpo, comungando de tudo o quanto o corpo aprecia, haja vista que a alma sobrecarregada, torna-se pesada e é de novo arrastada para a região visível, de medo do invisível – o Hades. Para Sócrates estas almas perambulam por entre os túmulos e monumentos, na proximidade dos quais tem sido visto fantasmas semelhantes aos espectros dessas almas que não conseguiram se libertar de forma pura do corpo e se tornaram visíveis. Isto ele se refere a alma dos indivíduos inferiores que são obrigadas a vagar por estes lugares como forma de punição, pelo fato de praticarem naturezas desse tipo numa vida anterior.¹⁷ Naturezas estas quem dizem respeito ao modo de vida desregrada, obedecendo aos desejos do corpo, seja aos prazeres sexuais, as orgias, aos bens materiais, enfim, indivíduos que praticaram algum tipo de vício.

Sócrates nesta passagem nos remete a uma prática filosófica que somente O empenho nela nos permite que estarmos puros, pois para os personagens, os que filosofam de forma certa tem autocontrole diante dos desejos físicos, principalmente os citados por Cebes, e, conseqüentemente, ao se praticar a filosofia na busca incessante pela verdade e pela sabedoria é que a alma terá seu destino junto dos deuses partilhando da verdade suprema. É por meio desta convicção de que segundo Sócrates uma pessoa se dedica verdadeiramente à filosofia e passa a ignorar as competências do corpo, isto consiste em se ocupar “preparando-se para morrer e em estar morto”.

¹⁷FÉDON, 81 d-e.

É por este motivo que quando Sócrates pronuncia tal afirmativa seus discípulos ficam espantados ao pensarem que Sócrates estava propondo um suicídio como sendo algo virtuoso e nobre, (Como mencionamos no início deste capítulo). Entretanto, o filósofo lhes mostra, por meio de argumentos muito bem fundamentados, sobre a existência da alma fora do corpo, e que o desprezo do mesmo consiste em libertar a alma, a partir da morte que não é nada mais e nada menos que a separação da alma do corpo; afirmando, assim, que a morte se constitui na separação do corpo que nos afasta da realidade em si, sendo que este se torna um empecilho para quem aspira os benefícios de se chegar a verdade plena de todas as coisas.

Como já foi abordado o corpo é um lugar de perturbação para alma, por conta dos sentidos, e, sendo estes, falhos, não nos assegura verdade alguma. Somente a alma concentrada em si mesma, se torna detentora das realidades em si, tais como elas realmente são. É por este motivo que o filósofo deve desejar ardentemente pela morte.